

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras



Comentário da Tradução de
Renouveler la Production d'Énergie en Europe:
un Défi Environnemental, Industriel et Politique
de Antoine Pellion

Trabalho de Projecto

Carolina Sousa Machado Henriques

Mestrado em Tradução

2009

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Comentário da Tradução de
Renouveler la Production d'Énergie en Europe:
un Défi Environnemental, Industriel et Politique
de Antoine Pellion

Trabalho de Projecto.

Carolina Sousa Machado Henriques

Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução

Orientada por: Prof. Doutor Pierre Lejeune

2009

Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de começar por agradecer ao meu orientador, Prof. Doutor Pierre Lejeune, que me deu conselhos e ajudou a tomar as direcções certas.

Também gostaria especialmente de agradecer ao meu querido amigo e colega Nuno Carvalho que esteve sempre disponível para responder às minhas dúvidas, que reviu o meu trabalho e ainda me apoiou sempre nos momentos em que mais precisava.

Ainda gostaria de agradecer às minhas grandes amigas Catarina Oliveira e Joana Xavier, pela sua amizade, e sobretudo à minha grande amiga Inês Perdigão, em casa de quem passei muitos dias a redigir a tese. É das poucas pessoas em que posso sempre contar e que me ajudou a passar por mais uma fase importante da vida.

Por fim, um obrigada muito especial à minha filha, Catarina que percebeu que eu precisava de trabalhar e que foi ficando do meu lado sem exigir demasiada atenção. E também à minha mãe, Cristina Sousa Machado e aos meus tios, Helena e Carlos Presas e Rosarinho Sousa Machado por terem passado o verão a levar a minha filha a passear e terem revisto o meu trabalho. E, por último, mas não menos importante, ao meu pai Pedro Henriques e à sua mulher Florence pela disponibilidade e prontidão para ajudar, assim como por acreditarem sempre em mim e me deram coragem para continuar.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
RESUMO	7
ABSTRACT.....	8
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
I- A Tradução.....	9
II- A Equivalência.....	10
III- A Fidelidade	16
ANÁLISE CRÍTICA DO TEXTO DE PARTIDA	22
I- Erros Binários.....	25
II- Erros Não Binários.....	29
TRADUÇÃO.....	34
I- Princípios Básicos	34
A- A Noção de Norma.....	35
B- Problema de Tradução.....	38
II- Estratégias para solucionar problemas	40
A- Estratégias Globais Textuais.....	40
B- Estratégias Textuais Locais	42
1- Estratégias Sintáticas	43
2- Estratégias Semânticas	50
<i>a- Sinónimos, antónimos e conversões.</i>	50
<i>b- Expansão e Condensação</i>	54
<i>c- Metáforas</i>	64
3- Estratégias Pragmáticas.....	70
<i>a- Normalização</i>	70
<i>b- Explicitação e Implicação</i>	76
<i>c- Outras Estratégias Pragmáticas</i>	79
4- Outros Problemas.....	81
III Estratégias de Busca.....	83
A- Tradução de Termos Técnicos.....	83
B- Siglas e Acrónimos.....	101
CONCLUSÃO	114
BIBLIOGRAFIA	116

INTRODUÇÃO

Tanto a questão da fidelidade do tradutor, como a da equivalência de sentidos entre o texto-fonte e o texto-alvo, são temas centrais à volta dos quais gravitam as teorias da tradução. De facto, estas questões são alvo de debates muitas vezes contraditórios sobre o que um tradutor deve ou não fazer para ser um bom tradutor. Neste trabalho de projecto, pretende-se analisar, comentar e justificar as escolhas feitas ao longo da tradução da 43ª nota da Fundação Robert-Schuman de Antoine Pellion, intitulada *Renouveler la Production d'Énergie en Europe: un Défi Environnemental, Industriel et Politique*. A tradução deste texto foi feita no âmbito de um exercício académico, em que não se trabalhou directamente para um cliente. No entanto, traduziu-se de forma a poder propor a publicação do texto a uma editora.

Para começar é importante perceber a escolha do texto de partida. A Fundação Robert Shuman é uma organização a favor da construção europeia, no plano das ideias como no terreno, mais próxima dos cidadãos. Trata-se de um centro de investigação reconhecido pela União Europeia que tem como principal missão promover os valores e os ideais europeus tanto no interior como fora das fronteiras da União, pode-se, portanto, partir do pressuposto que tem algum interesse em ser difundido nos restantes países da União Europeia, recorrendo, para isso, à tradução das suas publicações. O tema do livro traduzido enquadra-se numa temática de grande actualidade, nomeadamente o ambiente e as energias renováveis, o que pode suscitar mais procura de informação por parte dos cidadãos europeus. Trata-se de um texto de carácter técnico, com uma linguagem específica sobre o tema, mas que tem pretensões de ser lido pelo cidadão europeu comum. Ver-se-á, ao longo do trabalho, que atitude deve o tradutor tomar perante certos obstáculos que o texto de partida apresenta.

Tentar-se-á perceber com exemplos práticos como se poderá articular a fidelidade necessária ao autor do texto de partida e a desejada adequação ao público-alvo, através das opções que foram tomadas perante diversas situações. Mostrar-se-á que a tarefa do tradutor é árdua e que nem sempre é claro o caminho a seguir, tratando-se na verdade de um esforço de equilíbrio entre as perdas e ganhos que se dão no momento da passagem, ou importação, de uma língua para a outra.

Tendo em conta que se observa uma certa falta de cuidado com a escrita do texto de partida, terá ele o direito de enriquecer o texto? Para responder a esta pergunta começar-se-á, num primeiro capítulo, por enquadrar teoricamente as noções fundamentais, tais como a noção de equivalência, de fidelidade, ou ainda de norma, de modo a situar, podendo explicar em que princípios se baseia o tradutor da obra de Antoine Pellion para tomar decisões para chegar ao texto de chegada.

Num segundo capítulo, apresentar-se-á o texto de partida, onde se procede à análise crítica de certos lapsos que escaparam ao autor do texto-fonte e que dificultam a compreensão desse mesmo texto e que podem levar o tradutor a interpretar erroneamente a intenção do autor.

E, finalmente, num terceiro capítulo mais extenso serão explicadas as escolhas do tradutor, através de uma análise de cada tipo de problemas que se encontram e as respectivas soluções, tendo como fio condutor o livro *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*, de Andrew Chesterman e Emma Wagner, publicado em 2002.

RESUMO

O presente trabalho de projecto visa comentar a tradução de *Renouveler la Production d'Énergie en Europe: un Défi Environnemental, Industriel et Politique* de Antoine Pellion, publicado pela Fundação Robert-Schuman.

O fio condutor, para a análise dos problemas encontrados e das soluções adequadas aos problemas, é o livro *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface* de Andrew Chesterman e Emma Wagner (2002). Neste texto, os dois teóricos explicam as diferentes estratégias que existem para ultrapassar os problemas a que um tradutor se depara em variadas situações. Por meio de exemplos práticos, comentar-se-á as escolhas de tradução, à luz dos conceitos de fidelidade ao autor do texto de partida, de equivalência de sentidos entre as duas línguas e da fluidez do texto de chegada, de modo a que o público-alvo não se dê conta que de uma tradução se trata.

Palavras-chave: Tradução, Equivalência, Fidelidade, Estratégias Globais, Estratégias Textuais Sintácticas, Semânticas e Pragmáticas.

ABSTRACT

The present dissertation pretends to comment the translation of *Renouveler la Production d'Énergie en Europe: un Défi Environnemental, Industriel et Politique* by Antoine Pellion, published by the Robert-Schuman Foundation.

In the analysis of the problems we encountered and of the appropriate solutions to those problems we follow the approach presented in *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*, by Andrew Chesterman and Emma Wagner (2002). In this text, the authors explain the different existing strategies used to overcome the problems faced by translators in various situations. The choices made to guaranty the readers do not perceive that it is a translation will be commented through practical examples, in the light of concepts such as the fidelity to the author of the source text, the equivalence of meanings between both languages and the fluidity of the target text.

Key Words: Translation, Equivalence, Fidelity, Global Strategies, Syntactic, Pragmatic and Semantic Textual Strategies.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Antes de mais, é importante definir o que se entende por tradução e os conceitos que presidiram à tradução do livro de Antoine Pellion.

I- A Tradução

O filósofo e teórico da tradução Jean-René Ladmiral, em *Teoremas para a Tradução* define de maneira muito simples e clara o que é *traduzir*:

A tradução é um caso particular de convergência linguística: no sentido mais amplo, ela designa qualquer forma de “mediação interlinguística” que permita transmitir informação entre locutores de línguas diferentes. A tradução faz passar uma mensagem de uma língua de partida, ou língua-fonte, para uma língua de chegada, língua-alvo. A “tradução” designa ao mesmo tempo a prática traduzinte, a actividade do tradutor (sentido dinâmico) e o resultado desta actividade, o texto-alvo em si (sentido estático). [1979: 15]

Os termos mais frequentes para designar o texto a traduzir, ou seja, o texto do qual se parte, são *texto-fonte* e *texto de partida*, em oposição ao *texto-alvo* ou *texto de chegada* que é o resultado final da tradução, o texto traduzido. Neste trabalho, o texto-fonte é o de Antoine Pellion, tendo como *língua-fonte*, ou seja, a língua em que o texto de partida está redigido, o francês e como *língua-alvo* o português, por ser a língua para a qual se traduz. Analisar-se-á e comentar-se-á o resultado da actividade, ou seja, o texto-alvo, mas tendo sempre em conta os processos de tradução, isto é, a actividade tradutológica que se reflecte pelas escolhas que o tradutor tomou para chegar ao texto-alvo.

A finalidade de uma tradução consiste em dispensar-nos da leitura do texto original – eis os termos em que convêm, do nosso entender, definir o que é propriamente uma tradução. Pede-se à tradução que ela substitua o texto-fonte

pele “mesmo” texto em língua-alvo. É o carácter problemático desta identidade que acarreta toda a dificuldade de uma teoria da tradução: falaremos de “equivalência”. [Ladmiral, 1979: 19].

II- A Equivalência

“Traduzir” é o acto de dar o equivalente de um texto, de uma locução, de uma palavra de uma língua, a de partida, para uma determinada língua de chegada, como diz e muito bem, Umberto Eco, em *Dizer quase a mesma coisa sobre a Tradução* (2005: 25-26). A este respeito, Ladmiral (1979) acrescenta:

O conceito de equivalência reproduz a ambiguidade da tradução: precisar-se-á que se trate de uma identidade de fala através da diferença das línguas. [...] A equivalência toma o enunciado-fonte como um todo e intenta propor um equivalente-alvo correspondente à mesma situação referencial (não linguística).

[Ladmiral, 1979: 20]

O tradutor pode, deste modo, tentar manter o mesmo efeito de uma língua para a outra, ou seja, produzir o mesmo efeito que o leitor da língua-fonte teve ao ler o texto-fonte para o leitor da língua-alvo ao ler a tradução. Sendo assim, o principal problema que se põe a uma tradução será o de assegurar que o significado de cada elemento, num dado contexto, seja absolutamente reproduzido. É preciso entender-se que *significado* é o que Saussure entende por *sentido*, em oposição ao *significante*, ou seja o conceito, a ideia, a representação mental de um objecto real. O significante por sua vez é o signo linguístico, a “imagem acústica”. Ao traduzir tenta-se manter o *significado* do texto-fonte no texto-alvo, mudando apenas o *significante*, de modo a que o leitor da língua-alvo perceba o *significado* do texto-fonte.

Em tradução dá-se a substituição de sentidos da língua de partida por sentidos da língua de chegada, não a transferência de sentidos da língua de partida para a língua de chegada. Na transferência há uma implementação dos sentidos da língua de partida no texto de chegada.

[CATFORD, 1965: 67]

Assim, vê-se que a tradução envolve a transferência, ou “transporte”, de um texto escrito na língua de partida para a língua de chegada, de modo a garantir que os sentidos presentes na língua de origem possam ser substituídos por formulações com sentidos equivalentes na língua de chegada e, tentando tanto quanto possível que as estruturas que organizam o texto da língua de partida sejam preservadas. Porém, é necessário não perder de vista que tal processo não se faz à custa de graves distorções nas construções da língua de chegada, pois é da inteligibilidade do texto de chegada que depende a boa apreensão e compreensão do mesmo. Ainda nesta linha, Levý acrescenta:

Uma tradução não é uma composição monista, mas uma interpenetração e um composto heterogéneo de duas estruturas. De um lado, os conteúdos semânticos e os contornos formais do original, do outro, todo o sistema de traços estéticos que compõem a língua da tradução.

[LEVÝ: 1963]

Ou seja, na prática, o tradutor deve ter presente ao verter o texto de origem que o mesmo é composto por um significado ou sentido, isto é, um conteúdo, e uma estrutura que lhe conferem a sua especificidade. Com efeito, conforme se trate de um texto literário, um texto poético ou um texto técnico, os factores a ter em conta no momento da tradução são muito heterogéneos. Por exemplo, nas instruções de determinado electrodoméstico, será importante respeitar o significado dos passos a seguir, assim como identificar os significantes que se referem a dadas peças e encontrar equivalentes

na língua-alvo, de modo a que o significado do texto-fonte seja preservado. Com efeito, o objectivo é que o consumidor do electrodoméstico consiga usar o aparelho que adquiriu seguindo as instruções. Já num poema, dever-se-á ter em conta o vocabulário usado na época em que este foi escrito, o estilo do autor e ainda a métrica e a rima, elementos estes que podem ter um peso determinante.

O tradutor tem, pois, de saber transmitir e encontrar os elementos equivalentes em ambas as culturas, pois cada cultura exprime de um modo muito particular uma visão diferente do mundo e a estrutura de pensamento que lhe está subjacente. Sendo a tradução uma relação entre dois sistemas, o tradutor deve conhecer bem as duas culturas para poder efectuar o seu trabalho de modo a não trair a intenção do autor, tornando-a sensível e compreensível para o público-alvo. No caso específico da tradução de Antoine Pellion, tratando-se de um texto que visa divulgar informações que dizem respeito às energias na Europa, e incentivar o leitor europeu a tomar medidas no sentido de desenvolver as energias renováveis no espaço europeu, as diferenças entre as culturas de partida e de chegada não terão muita relevância.

No entanto, é preciso ter cuidado com o uso do termo *equivalência* por não existir uma definição precisa, como o salienta Dorothy Kenny, num artigo dedicado à equivalência:

Equivalence is a central concept in translation theory, but it is also a controversial one. Approaches to the question of equivalence can differ radically: some theorists define translation in terms of equivalence relations (Catford 1965; Nida and Taber 1969; Toury 1980a; Pym 1992a, 1995; Koller 1995) while others reject the theoretical notion of equivalence, claiming it is either irrelevant (Snell-Hornby 1988) or damaging (Gentzler 1993) to translation studies. Yet other theorists steer a middle course: Baker uses the

notion of equivalence 'for the sake of convenience – because it has any theoretical status' (1992: 5-6). Thus equivalence is variously regarded as a necessary condition for translation, an obstacle to progress in translation studies, or a useful category for describing translations.

Proponents of equivalence-based theories of translation usually define equivalence as the relationship between a source text (ST) and a target text (TT) that allows the TT to be considered as a translation of the ST in the first place. Equivalence relationships are also said to hold between parts of STs and parts of TTs. The above definition of equivalence is not unproblematic, however. Pym (1992a: 37), for one, has pointed to its circularity: equivalence is supposed to define translation, and translation, in turn, defines equivalence.

[1998: 77-78]

Com efeito, depreende-se que a noção de equivalência é indissociável da tradução. E isso de tal modo que se pode considerar a tradução como uma negociação e a equivalência como moeda de troca:

The problem of pinning down the essential nature of equivalence seems to be related to the problem of pinning down the nature of linguistic meaning itself. Pym (1992a) avoids this difficulty by moving away from the strictly linguistic to view translation as a transaction, and equivalence as equality of exchange value. Equivalence becomes a negotiable entity, with translators doing the negotiation.

[Kenny, 1998: 78]

Enquanto negociador, o tradutor encontra-se no meio de duas línguas e duas culturas tendo por missão a de produzir um texto equivalente na língua de chegada. Para isso precisa de começar por compreender o sentido que o autor conferiu ao texto de

partida, de modo a poder transmitir um sentido equivalente na língua de chegada, respeitando assim as intenções do autor. Christiane Nord explica, em *Text Analysis in Translation*, esse papel de agente duplo do tradutor que passa simultaneamente pela compreensão do texto de partida, na medida em que é o recipiente e intérprete do texto-fonte, e pela produção de um texto próprio que será o texto-alvo, podendo-se assumir que é co-autor do almejado texto traduzido:

Being a recipient of the source text as well as the producer of the target text, he takes part in both the source text situation and the text target situation. [...] The professional translator reads every new source text in the light of his experience as a critical recipient and translator. [...] The translator is not the sender of the source text message but a text producer in the target culture who adopts somebody else's intention in order to produce a communicative instrument for the target culture, or a target-culture document of a source-culture communication.

[Nord, 1991a: 10-11]

[...] The translator is a real source text recipient with source-culture competence [...] who is aiming at least to achieve an objective, conscientious, and verifiable comprehension of the source text.

[idem: 16]

Assim, chega-se à conclusão que o tradutor é também produtor de um texto para o qual tem de se deixar imbuir pelas intenções do autor do texto de partida, de modo a tornar-se no intérprete autorizado do seu texto, manejando com destreza e delicadeza as ferramentas e mecanismos próprios dessa segunda língua. A principal dificuldade deste trabalho reside no afinar da compreensão e na escolha de opções certas que façam sentir a tradução como se de um texto original se tratasse:

Qualquer teoria da tradução se vê confrontada com o velho problema filosófico do Mesmo e do Outro: falando com propriedade, o texto-alvo não é o mesmo que o texto original, mas também não é inteiramente um outro. O próprio conceito de “fidelidade” ao texto original traduz esta ambiguidade, consoante se trata de fidelidade à letra ou ao espírito. [Ladmiral, 1979: 20]

Mais precisamente, no caso da tradução de Antoine Pellion, o sentido geral do texto é facilmente apreendido por um leitor da língua de partida, ou seja, pelo próprio tradutor. No entanto, como se vai ver ao longo do trabalho, os problemas mais frequentes com que o tradutor se deparou foram os de encontrar equivalentes para dados termos. Ou seja, a equivalência no que diz respeito ao sentido geral do texto, era facilmente atingível, por se tratar de um tema universal. Porém, trata-se de um texto com termos económicos e sobre energia bastante específicos, o que mostra que o público-alvo é um leitor informado, em que as dificuldades situam-se principalmente a nível do termo:

Catford also comes under criticism – from Snell-Hornby (1988: 20), among others – for using simplistic, invented sentences to exemplify his categories of translational equivalences to exemplify his categories of translational equivalence, and for limiting his analysis to the level of the sentence. Catford’s approach may have been criticized, but few alternatives have been put forward.

[Kenny, 1998: 78]

III- A Fidelidade

Segundo Christiane Nord, em *Text Analysis in Translation*, existe uma correlação, cujo doseamento é importante ponderar, entre a fidelidade ao texto de origem, a liberdade do tradutor na escolha de opções adequadas e a equivalência dos sentidos e das estruturas presentes em ambos os textos. Esta afirma que se espera de uma tradução que verta fielmente as características mais importantes do texto de partida, nomeadamente o sentido que o autor conferiu ao seu texto, a estrutura que lhe atribuiu e o estilo próprio de cada autor. Depois, estabelece uma relação entre fidelidade e equivalência. Sendo que equivalência, neste caso, significa a maior correspondência entre o texto de partida e o texto de chegada.

E remata dizendo que é ténue a linha que separa a fidelidade e a liberdade: que grau de liberdade pode ser permitido sem se cair numa libertinagem? Ou que grau de fidelidade deve ser seguido antes de se cair na servidão cega? O referido doseamento é alcançável se o tradutor verificar o grau de equivalência entre o seu texto e o de partida [Nord, 1991: 22-23].

No centro do debate sobre o que deve fazer ou não o tradutor, encontra-se sempre, tal como temos vindo a verificar, a questão da FIDELIDADE que, na realidade, orienta o modo como o tradutor se posiciona em relação ao texto de origem e define a maneira como o vai traduzir. De facto, o tradutor tem duas opções-base que definem a sua posição em relação ao texto de partida e ao seu público-alvo. Se optar por ser fiel ao texto de partida, ou seja, respeitar o texto de origem acima de tudo, mantendo, na língua de importação, todos os traços, dificuldades e escolhas do original mesmo que a tradução resulte num texto árduo e áspero, pode-se dizer que o tradutor estará a “arrastar” o leitor para a cultura de partida. Se, pelo contrário, optar, embora respeitando obviamente o texto de origem, por produzir um texto fluido e elegante na língua de

importação, encontrando nessa segunda língua os mecanismos que lhe são próprios, o tradutor estará a importar o “original” para cultura de chegada. No que diz respeito à tradução de Antoine Pellion, como será referido mais adiante na análise da tradução, a linha entre os elementos desta distinção é ténue. Com efeito, não perdendo de vista que se trata de um texto destinado a todos os cidadãos europeus, não existem marcas acentuadas de uma ou de outra cultura que possam influenciar a compreensão do texto. Essa diferença apenas se pode fazer ao nível da língua no caso de se encontrarem expressões específicas na língua de partida. O objectivo do tradutor será o de ser fiel às intenções do autor do texto de partida, transmitindo-as, no entanto, de maneira mais fluida e clara, para que o público-alvo não se dê conta de que de uma tradução se trata.

Ao longo dos séculos e com base nesta dicotomia, foram-se criando, pois, muitas teorias, todas elas divergentes e contraditórias, sobre a maneira mais correcta de se traduzir.

O problema da tradução é muitas vezes apresentado nos termos antinómicos de um debate académico: tradução literal ou tradução literária dita “livre”; por outras palavras, a fidelidade ou a elegância, a letra ou o espírito. São dois pólos de uma mesma alternativa, indefinidamente rebaptizados, que ritmam a história da tradução segundo um movimento de pêndulo entre a “equivalência formal” e a “equivalência dinâmica” (E.A. Nida, 1964, pp. 159 e segs, entre a palavra por palavra e as “belas infieis” (cf. G.Mounin, 1955).

[Ladmiral, 1979: 18]

Pode-se assim dizer que não existe um método correcto de traduzir, cada método varia em função daquilo que se quer realçar ou em função do público-alvo e da altura em que se traduz, pois as modas também influenciam os métodos de traduzir. Seja qual for a sua posição em relação ao texto, o tradutor deve tomar constantes decisões ao

longo do texto. Essas opções podem ser tanto a nível formal como a nível de conteúdo, em todo o caso, o tradutor deixa nessas opções a sua marca, a sua assinatura.

O tradutor não deve ser extremista, a metáfora da balança é uma boa imagem para mostrar a atitude mais correcta ao traduzir: a tradução é um trabalho de perdas e ganhos. Do mesmo modo que a balança tenta equilibrar os seus pratos, o tradutor encontra-se no meio dos dois pratos, tendo um deles as perdas e o outro os ganhos. Por um lado, com a tradução pode-se perder alguma imagem que o texto de origem transmite por fazê-lo através do uso de metáforas que não têm equivalentes na língua de chegada, ou ainda por não conseguir transferir um dado sentido relativo a uma especificidade da cultura de partida que terá, na tradução, de ser explicado através de uma paráfrase. Por outro lado, o tradutor perante essas perdas tem de tentar equilibrar os seus pratos acrescentando alguma riqueza ao seu texto, sem desrespeitar a intenção do autor. Ver-se-á na análise da tradução do texto de Antoine Pellion que nem sempre é fácil manter esse equilíbrio, mas que é possível enriquecer o texto para contrabalançar as inevitáveis perdas.

Apesar de todas as teorias, na prática, os dois grandes parâmetros de avaliação de um texto traduzido são o respeito pela língua de chegada e a *transferência* de sentido do texto original. Isto é, o importante na tradução é produzir um texto que respeite tanto as regras gramaticais como a sintaxe da língua de chegada, sem existirem construções frásicas estrangeiras, e que mantenha o sentido primeiro do texto da língua de partida.

A carga cultural que certas palavras têm só pode ser transmitida através de uma paráfrase ou de uma nota de rodapé. Como se sabe, podem existir palavras ou expressões difíceis de traduzir, mas em tradução não devem existir impossíveis. De uma maneira ou de outra, o tradutor tem de conseguir encontrar um equivalente que exprima

um sentido idêntico ao texto de partida. João Barrento também defende esta opinião em *O Poço de Babel*:

O estrato fonológico das línguas é o mais frequentemente responsável pela pretensa intraduzibilidade de certos textos, com destaque para as muitas formas de literatura experimental que, se por vezes não são reconstituíveis noutro código, em muitos outros casos são de facto, traduzíveis, naturalmente com recurso a processos de recriação radical de efeitos e a estratégias compensatórias.

[Barrento, 2002: 24]

Segundo João Barrento, é preciso reconhecer os intraduzíveis para não se cair no ridículo, e conclui que “a tarefa do tradutor neste domínio começa pela necessidade de manter certas formas, os seus ritmos, as suas rimas e as suas medidas, e pode ir até à exigência de reconstruir intenções e efeitos de sentido derivados de aliteração, da assonância ou da mutação consonântica (...)” [Barrento, 2002: 24]

Pode dizer-se que, de um modo geral, existem sempre alternativas para traduzir certos intraduzíveis. Para além disso, Barrento acrescenta que a nível do léxico, o tradutor deve sempre duvidar do dicionário depois de o ter consultado:

A escolha lexical adequada é determinante, e não será a mais feliz se não levar em conta o género literário, o registo dominante do texto, o cotexto e os contextos e a situação de comunicação. Mas o problema maior neste domínio é o dos elementos lexicais ‘intraduzíveis’ ou ‘semi-traduzíveis’ devido às cargas denotativas, experienciais e culturais que as palavras transportam consigo.

[Barrento, 2002: 29]

Por fim, no que diz respeito aos intraduzíveis, João Barrento alerta o tradutor para a escolha vocabular e diz que este deve fazer prova de capacidade imaginativa para

encontrar correspondência entre duas línguas. Traduzir significa interpretar. O tradutor deve recorrer ao dicionário porque não tem memória para saber tudo, porém deve duvidar deste e usar a sua intuição e o seu conhecimento sobre a língua de partida. O discernimento do tradutor é que o leva a tomar certas decisões de modo a obter um resultado mais próximo do autor do texto de partida ou do público-alvo. Trata-se de uma capacidade que a tradução automática, por mais desenvolvida que tenha sido nos últimos anos, ainda não possui por não conseguir entender os diferentes contextos (Barrento, 2002: 29-49).

Assim, podemos ver que o trabalho de tradução é feito de escolhas constantes, não é, como muitas pessoas o poderiam pensar, um trabalho passivo que consiste apenas na conversão entre dois códigos linguísticos. Um bom tradutor não só tem de conhecer bem as duas línguas, como também tem de conhecer as culturas nas quais estas se inserem. Para além destes dois requisitos básicos, o tradutor tem de estar atento ao público-alvo, mantendo sempre a fidelidade ao autor do texto de partida, e para isso tem de se manter alerta em relação à verdadeira intenção do autor, às subtilezas da língua, ao contexto sociocultural de ambas as línguas, entre muitos outros factores. Para além de todos estes aspectos que dizem respeito à tradução em si, o tradutor tem de atender a outras condicionantes que é obrigado a respeitar, como o desejo do cliente ou do empregador, os limites de tempo que por hábito são reduzidos para obter um resultado que o tradutor considere satisfatório. Obedece a todos estes parâmetros, mas, por vezes essas condicionantes divergem, e para ser fiel a uma delas, tem de fazer concessões relativamente a outra. Por exemplo, frequentemente para respeitar a vontade do empregador, o tradutor tem de sacrificar alguma fidelidade ao autor. A tarefa de tradução é árdua pelo facto de o tradutor ter sempre de tomar decisões, sejam elas relativas a lealdades, a soluções para resolver problemas ou apenas escolher entre dois

sinónimos. Todos os momentos da tarefa de tradução implicam uma escolha. Estas escolhas nem sempre são entendidas pelo público final, o que o leva a ter um juízo de valor acerca da tradução, mas que releva apenas da subjectividade de cada um.

ANÁLISE CRÍTICA DO TEXTO DE PARTIDA

O livro de Antoine Pellion, *Renouveler la Production d'Énergie en Europe: un Défi Environnemental, Industriel et Politique*, publicado pela Fundação Robert Schuman, tem como tema principal as energias renováveis. Trata-se de um texto informativo e argumentativo. O autor procura, através do texto, sensibilizar as pessoas para a necessidade de se renovar o parque energético na Europa, pois, segundo certas previsões, em poucos anos o petróleo tornar-se-á raro. Efectivamente, depois de o petróleo acabar, o homem terá de se virar para outras energias, no entanto, na Europa o parque energético está a tornar-se velho, o que acaba por levar a uma menor eficácia a nível da produção energética. O autor alerta para inevitabilidade de se investir nas energias renováveis, tais como os geradores eólicos, os painéis solares térmicos e fotovoltaicos. Este discurso também tem uma vertente ambientalista, tema que se encontra muito em voga nos nossos dias. O autor assinala no final da sua introdução que as opiniões que expressa no texto não são uma posição oficial da União Europeia. O facto de se tratar de opiniões próprias do autor faz com que o texto se possa assemelhar a um ensaio:

Exceptuando-se os casos de utilização indevida do conceito, mantêm-se actuais as frases de Montaigne para definir o que seja ensaio: [1] «Eu sou a matéria do meu livro», na medida em que o ensaísta utiliza a sua liberdade individual e se baseia na reflexão que faz sobre as matérias de que trata, para sobre elas constituir um pensamento original; e [2] «O que sei eu?», porque, sempre que se faz um ensaio sobre uma dada matéria, é obrigatório proceder-se a uma actualização crítica dos conhecimentos já adquiridos, pelo próprio ou por outrem, sobre essa mesma matéria.

*No fundo, **ensaio** representa sempre, seja qual for a matéria que ver-se, um ajuste de contas entre o conhecimento já detido pelo autor e aquilo que ele pretende conhecer.*

[Luiz Fagundes Duarte, Ciberdúvidas]

Com efeito, o autor defende o seu ponto de vista pessoal e subjectivo acerca das decisões que a União Europeia deve tomar para resolver as questões energéticas e ambientais. A obra difere apenas do ensaio no segundo ponto acima referido, por ter uma vertente informativa bastante marcada. De facto, o autor ilustra as suas opiniões recorrendo a quadros informativos com um carácter de prova empírica, não questionando o seu próprio conhecimento, mas dando ao público interessado acesso às informações de que ele dispõe.

No texto-fonte encontram-se 24 figuras que servem para dar números mais exactos de modo a informar o leitor, mas também são usadas para complementar a argumentação do autor, que se formou em Engenharia de Minas e se especializou em energias. Essa formação confere-lhe um domínio da linguagem mais técnica que emprega ao longo do texto. Na leitura do texto de partida, repara-se que o autor manifesta uma certa dificuldade em exprimir-se por meio de uma terminologia diferente da terminologia técnica que certamente utiliza com engenheiros da mesma área. Nota-se, por exemplo, nesta tentativa de simplificação da linguagem que o autor, por vezes, não é muito claro ao transmitir a informação, porque privilegia a sua terminologia profissional em detrimento da clareza da língua francesa. Parte-se do princípio que o público-alvo do texto de partida é um leitor informado, mas não necessariamente especialista na área das energias, pelo que o autor deverá ter tido instruções para expor a situação de modo que todos consigam perceber a sua intenção, ou seja, sem o uso de uma gíria técnica impenetrável por um não-especialista.

À partida, o tradutor começa por ser um leitor do texto-fonte. É da interpretação das intenções do autor do texto de partida que o tradutor vai começar a sua tarefa. Sendo o autor apenas humano, por vezes deixa escapar alguns erros ou lapsos que poderão prejudicar a boa compreensão do texto-fonte. Perante essas situações, o tradutor deve tomar decisões que partem da interpretação que o tradutor fez enquanto leitor. Como o tradutor é um agente invisível, as correcções que faz não são assinaladas, de modo a não deixar marcas no vidro límpido que deve ser a tradução.

M. P. Frota (2000), em *Erros e Lapsos de Tradução: um tema para ensino*, refere-se a Anthony Pym que diferencia dois tipos de erros. Existem, por um lado, erros binários, aos quais chama “mistake”, que implicam uma oposição radical entre o que é consensualmente tido como certo e o que é consensualmente tido como errado, a começar pelo próprio autor do erro” (Frota, 2000: 143). Trata-se de erros linguísticos, nomeadamente de ortografia, gramática e semântica. Por outro lado, existem os erros não-binários, que identifica como *errors*, que “resultam de situações em que não há uma separação nítida entre certo e errado” (idem). Apesar de Pym definir este tipo de erros como sendo próprios da tradução, esta distinção entre erros binários e erros não binários também se pode aplicar na análise do texto de partida. Usando a terminologia de Pym, podem ser considerados erros binários do autor os erros relativos à gramática, à ortografia ou à semântica, e os erros não binários que dizem respeito a ambiguidades não propositadas.

Analisar-se-á de seguida alguns lapsos ou erros por parte do autor do texto de partida que dificultaram de certo modo a tradução do texto-fonte.

I- Erros Binários

Os erros ortográficos, assim como os de semântica, inserem-se no grupo de erros binários, como já foi referido. Esses erros ou lapsos no texto de partida podem perturbar a compreensão do texto de partida e, se o tradutor não estiver atento, podem ser transportados para o texto de chegada, dificultando a compreensão para o leitor da língua-alvo.

Ao informar que os limites de certas tecnologias provinham do abrandamento de actividade nos últimos anos, o autor do texto de partida acrescenta que vários construtores já não dispõem de recursos humanos e materiais para assumir a quantidade importante de projectos:

*De nombreux **de** constructeurs ne disposent plus assez de ressources humaines et matérielles pour assumer une quantité importante de projets.*

[Original, pg. 61-62]

Repara-se que a frase está agramatical, existe uma preposição que não se encontra correctamente colocada:

De nombreux constructeurs ne disposent plus [d']assez de ressources humaines et matérielles pour assumer une quantité importante de projets.

De facto, seria necessário mover a preposição *de* que se encontra entre *nombreux* e *constructeurs* e colocá-la antes de *assez*, para tornar a frase gramatical, porque o verbo *disposer* é regido pela preposição *de*. E, sendo *nombreux* um adjectivo, não precisa de preposição ou outro artigo antes do substantivo que determina.

O próximo exemplo demonstra como traduzir literalmente sem duvidar do autor do texto-fonte pode ser perigoso:

*Cependant, le développement des procédés de capture et stockage de CO₂, encore au stade de démonstration, **permettent** réellement de réduire la pollution*

induited et d'en faire une technologie tout à fait acceptable dans le cadre des engagements européens sur le réchauffement climatique.

[Original, pg. 70]

Com efeito, o verbo *permettre* está conjugado na terceira pessoa do plural quando o sujeito é *le développement des procédés de capture et de stockage de CO₂*, ou seja, *o desenvolvimento dos processos de captura e de armazenamento de CO₂*, que está na terceira pessoa do singular. Não existe concordância entre o sujeito e o verbo nesta oração. A frase correcta seria:

*Cependant, le développement des procédés de capture et stockage de CO₂, encore au stade de démonstration, **permet** réellement de réduire la pollution induite et d'en faire une technologie tout à fait acceptable dans le cadre des engagements européens sur le réchauffement climatique.*

O tradutor tem o dever de estar atento a possíveis lapsos no texto de partida. É imprescindível que o texto de chegada esteja escrito da maneira mais correcta possível. Respeitando a intenção do autor, corrige-se as gralhas que possam existir de modo a tornar o texto-alvo fluido e de boa qualidade.

Na nota de rodapé nº 81 do texto original, verifica-se uma gralha por parte do autor:

*Cette décision-cadre a, par ailleurs, été modifiée en 1994 pour habiliter la Commission à financer l'amélioration de la sûreté et de l'efficacité du **par** nucléaire de pays tiers à l'UE, situés en Europe centrale et orientale.*

[Original, pg. 83]

De facto, a intenção do autor é a de falar sobre a eficácia do parque nuclear, que em francês se escreve *parc*. Percebe-se que se trata de um lapso que, certamente, não terá

passado pela revisão, pois *par* é uma preposição simples e não faria sentido no local da oração em que se encontra.

*Além disso, esta decisão-quadro foi modificada em 1994 para habilitar a Comissão a financiar a melhoria da segurança e da eficácia do **parque** nuclear dos países terceiros à UE, situados na Europa central e oriental.*

[Tradução, pg. 69-70]

Estes exemplos reflectem bem o dilema em que frequentemente se encontra um tradutor ao deparar-se com um possível erro ou lapso de um texto-fonte: o trabalho do tradutor não é corrigir as informações do autor, mas baseia-se num dever para com o seu leitor que o impede de ficar com a consciência tranquila se reproduzir uma informação que convictamente pensa tratar-se de um erro.

Isto pode levar à questão da legitimidade do tradutor para corrigir um autor cujo nome se encontra em capa de livro. Claramente, cada caso é um caso e na maior das vezes, trata-se apenas de gralhas, sendo óbvia a intenção do autor. Nesses casos, dificilmente se falará em correcção, mas sim em normalização do texto-alvo. De facto, como já foi referido, o tradutor deve ser fiel ao autor desde que não prejudique as estruturas da língua-alvo.

Existem lapsos menos importantes que não prejudicam em nada a compreensão do texto de partida, mas que podem ser classificados como erros binários por se tratar de casos em que não se respeitam as convenções ortográficas. Ao longo do texto de Antoine Pellion nota-se que existem várias ocorrências de latinismos, tais como *a priori* ou *in fine*, e também de empréstimos.

O empréstimo é uma adopção de uma nova palavra, frase ou expressão de uma língua estrangeira. Nesta acepção, empréstimo e estrangeirismo podem ser

coincidentes. No entanto, contrariamente ao estrangeirismo, o empréstimo está perfeitamente integrado no léxico da língua que o acolhe. Alguns estrangeirismos são adaptados à fonética e à ortografia da língua que os acolhe, enquanto que outros mantêm a pronúncia e a grafia da língua de origem, sendo por essa razão classificados como xenismos.

[Bergtröm, 2000: 78]

Tanto os empréstimos como os estrangeirismos surgem grafados de maneiras diferentes: entre aspas, em itálico, ou ainda sem nenhum sinal que os distinga do resto do texto. A disparidade de critérios por parte do autor reflecte, de certo modo, a maneira descuidada com que produziu o seu texto, preocupando-se, provavelmente, mais com o conteúdo da informação técnica a transmitir do que com a forma como a transmitiu.

Além dos empréstimos, o autor mostra um descuido em relação às convenções ortográficas. Ao longo do texto, registam-se duas grafias para *Poderes Públicos*. Com efeito, existem sete ocorrências de *pouvoirs publics* sem maiúscula e treze ocorrências da mesma expressão nominal com uma maiúscula no início, como é costume do francês, *Pouvoirs publics*. Tratando-se de um termo que denomina várias instituições e não apenas uma, deveria ocorrer com minúsculas. Mais uma vez, esta falta de coerência no que diz respeito a uma decisão torna o texto menos cuidado, o que, de certo modo, interfere com uma leitura fluida, pois os olhos de um leitor não conseguem deixar de ficar retidos nos pequenos detalhes que por vezes fazem a diferença para se chegar a um texto de qualidade.

À semelhança do caso anterior, repara-se que existe uma disparidade na maneira como escreve *Estado*. Com efeito, em francês, as maiúsculas, ao contrário do que acontece com a língua portuguesa, não são, em caso algum, acentuadas. Ora, existem 24 ocorrências da palavra *Etat* que obedecem as regras ortográficas da língua francesa,

enquanto existem 20 ocorrências registadas da palavra *Etat* com um acento no primeiro *e* de *état* em maiúscula. Como para o caso anterior, não se trata de um erro que seja grave, nem que perturbe a compreensão do texto, porém é um erro ortográfico que não deveria aparecer num texto publicado e que perturba a leitura. Um leitor que conheça as regras ortográficas básicas da sua língua sente-se incomodado ao ler um livro que tem um erro tão frequentemente repetido.

Trata-se apenas de detalhes que não impossibilitam a compreensão do texto de partida. Porém, reflecte uma certa despreocupação por parte do autor do texto em relação à forma como expõe as suas informações.

II- Erros Não Binários

Todos os erros que causem ambiguidades podem ser considerados erros não binários, como já foi referido. Esses erros e lapsos podem apenas ser corrigidos através da interpretação do tradutor enquanto leitor do texto de partida. A solução de tradução para esses casos específicos passa pela interpretação do tradutor que é sempre subjectiva pelo facto do tradutor ser, à partida, um leitor.

Ao longo do texto é possível observar que o autor nem sempre expressou as suas ideias com clareza. Repara-se que se trata de um especialista no que diz respeito às energias renováveis e às questões que gravitam à volta desse assunto. No entanto, constata-se, em determinados segmentos, uma certa dificuldade em vulgarizar a linguagem técnica dessa área.

Quando se fala do ambiente e do efeito da acção humana sobre este, existe um termo que descreve a poluição do ar, causada pela grande movimentação de veículos, que resulta numa grande acumulação de óxido nítrico e compostos orgânicos voláteis.

Trata-se de um anglicismo, *smog*, que é uma amálgama de *smoke* e *fog*, ou seja, *fumo* e *nevoeiro*. De facto, o *smog*, ou *smog fotoquímico*, ou ainda *névoa seca*, é um termo que descreve a poluição do ar, sobretudo nas áreas urbanas, por ozono e outros compostos originados por reacções fotoquímicas, isto é, reacções químicas causadas pela luz solar. O efeito visível deste fenómeno é uma camada rosa-acinzentada na atmosfera. No fundo, o *smog* forma-se como o nevoeiro aquando da condensação de vapor de água, porém como está misturado com a poeira, o fumo e outros poluentes, tem um aspecto mais acinzentado. Esse fenómeno é mais visível nos dias frios de Inverno, quando ocorre associado à presença de uma inversão térmica.

O autor do texto de partida, a meio do texto, entre parêntesis, a título de exemplo, refere-se ao *fog* no Reino-Unido, ou seja, ao nevoeiro relacionado com a poluição no Reino-Unido:

*D'abord locale, (le **fog** au Royaume-Uni dû aux poussières de charbon, le réchauffement des rivières en sortie de centrales), elle s'est régionalisée [...] puis mondialisée.*

[Original, pg. 24]

No entanto, percebe-se pelo contexto que o autor se queria referir-se ao *smog*, porque se não fosse esse o caso, o autor poderia usar o termo francês *brouillard*, ou seja, *nevoeiro*. Para além de poder recorrer a um termo francês, nota-se pela definição do termo *smog* acima referida que se trata de um nevoeiro misturado com poluição, ou seja, as poeiras de carvão também estão incluídas. Tendo em conta que o autor expressa que o tal *fog* se deve também à poluição do carvão, não pode ser apenas o nevoeiro, mas sim o *smog*.

Com este exemplo, nota-se que o tradutor assumiu o papel de corrector do texto-fonte, no entanto, o tradutor manteve-se fiel ao autor do texto de partida, ao preservar a a intenção do autor.

Por vezes, é perceptível que o autor se esquece de um substantivo ou de uma preposição. No exemplo seguinte, nota-se que ocorre um lapso no texto de partida:

La part de PIB consacrée à l'énergie ne constitue pas un critère si déterminant. Si une moindre intensité énergétique permet de minimiser la hausse du prix des énergies sur l'économie, elle ne réduit en rien les conséquences d'une rupture d'approvisionnement.

[Original, pg. 34]

Em primeiro lugar, a preposição *de* antecedente ao *PIB* deveria ser substituída por *du*, pois trata-se da contracção da preposição *de* combinada com o artigo definido *le* que formam a unidade *du*. Repara-se que ao escrever a sigla por extenso a preposição que deveria ser aplicada é, efectivamente, *du*: *la part du Produit Intérieur Brut*. Mais uma vez, o autor demonstra uma certa negligência em relação à forma como transmite a informação.

Além disso, ao ler esta frase, o autor do texto de partida dá a entender que uma intensidade energética mínima permite reduzir o aumento do preço das energias na economia. Ora, ao ler com atenção repara-se que *minimizar o aumento do preço das energias na economia*, não é possível. Pode-se, porém, minimizar o impacto do aumento do preço sobre a economia:

La part du PIB consacrée à l'énergie ne constitue pas un critère si déterminant. Si une moindre intensité énergétique permet de minimiser [l'impact de] la hausse du prix des énergies sur l'économie, elle ne réduit en rien les conséquences d'une rupture d'approvisionnement.

O seguinte exemplo mostra a dificuldade do autor em expressar-se convenientemente, pois estabelece relações entre palavras que usualmente não podem ser usadas em conjunto:

Des objectifs pertinents et directement utilisables semblent donc nécessaires.

Les indicateurs possibles sont multiples, comme la part de l'énergie dans le budget des ménages ou le coût des technologies de production.

Une fois ces objectifs clairement définis (...)

[Original, pg. 39]

Na primeira frase desta transcrição, observa-se a falta do verbo *définir* retomado no princípio da frase que se encontra no início do parágrafo seguinte.

Définir des objectifs pertinents et directement utilisables semble donc nécessaire.

Deste modo, a frase não fica solta no meio de um parágrafo. Além desse problema, também se questiona o uso de *utilisables*, sendo talvez mais correcto usar o termo *atteignables* que é mais frequentemente utilizado com a palavra *objectivos*. Voltar-se-á a este tipo específico de problemas na análise da tradução, para explicar como se solucionou o problema.

No próximo exemplo, nota-se que o texto-fonte tem uma gralha :

*L'optimisation du réseau de distribution pour réduire le besoin **dans de** nouvelles centrales.*

[Original, pg. 57]

Com efeito, a preposição *dans* está incorrecta, a forma mais corrente é o uso da preposição *en*:

*L'optimisation du réseau de distribution pour réduire le besoin **en** nouvelles centrales.*

[Original, pg. 57]

Este lapso por parte do autor pode levar a uma má interpretação do texto de partida. De facto, pode perceber-se que se trata de uma redução da necessidade no interior de novas centrais. Graças ao contexto, o tradutor pode interpretar a intenção do autor como se

tratando de reduzir a necessidade de novas centrais. Mais uma vez, o tradutor assume o papel de tradutor-corrector invisível equilibrando uma vez mais os pratos da balança, ao tornar o texto-alvo com mais qualidade.

Este tipo de erros não binários que se encontram no texto-fonte leva o tradutor a ter de tomar decisões que podem condicionar a leitura do seu público-alvo. O tradutor também pode não reparar no lapso e, desse modo, induzir o seu público-alvo em erro por não ter interpretado correctamente o que poderia ser a intenção do autor. É preciso não esquecer que o tradutor é, à partida, um leitor.

TRADUÇÃO

I- Princípios Básicos

A flexibilidade da linguagem é tal que em uma tradução somos a todo momento convocados a escolher uma palavra em detrimento de outras, uma construção sintáctica em meio a outras, um possível efeito em lugar de outro.

[Frota, 2006: 148]

Traduzir consiste, como já foi referido, num processo que exige constantes decisões. Para seguir o caminho mais adequado em relação à situação e ao que lhe é pedido, o tradutor precisa de ter certas noções intrínsecas. Traduzir não é uma tarefa inata, nem mesmo um bilingue que conheça perfeitamente duas línguas e duas culturas consegue traduzir sem ter de tomar decisões ponderadas que dizem, muitas vezes, respeito à preocupação do tradutor em relação ao autor do texto de partida ou ao público-alvo, ou até mesmo ao cliente que encomendou a tradução.

O ofício do tradutor consiste em escolher o mal menor; ele deve distinguir o que é essencial do que é acessório. As suas escolhas de tradução serão orientadas por uma opção fundamental concernente à finalidade da tradução, concernente ao público-alvo, ao nível de cultura e de familiaridade que nele se supõe com o autor traduzido e com a sua língua-cultura original. É por isso que a tradução visará mais ou menos à “cor local”, ao distanciamento (tanto no tempo como no espaço), e os óculos do tradutor serão respectivamente “lentes fumadas” ou “lentes transparentes” (G.Mounin, 1955, pp. 109 e segs.). [Ladmiral, 1979: 22]

A noção de norma é importante para se perceber sob que princípios o tradutor se baseia. Ao longo da tradução, o tradutor depara-se com vários tipos de problemas. Estes devem ser identificados, classificados e resolvidos, de modo a chegar ao objectivo ao

qual se propôs. Para melhor perceber este processo, vários tradutores construíram uma metalinguagem da tradução que facilita a descrição dos fenómenos. Deste modo, este trabalho passará a reger-se pelas definições e os termos dados por Andrew Chesterman e Emma Wagner, assim como Christiane Nord.

A- A Noção de Norma

O tradutor desempenha um papel social que vai além de uma simples transferência de frases de uma língua para a outra, as suas escolhas inserem-se no âmbito da função que tem de cumprir no seio da sociedade. Mona Baker explica em *Encyclopedia of Translation Studies* a noção de norma segundo Gideon Toury.

*It has proven useful and enlightening to regard the basic choice which can be made between requirements of the two different sources as constituting an **initial norm**. Thus, a translator may subject him-/herself either to the original text, with the norms it has realized, or to the norms active in the target culture, or in that section of it which would host the end product. If the first stance is adopted, the translation will tend to subscribe to the norms of the source text, and through them also to the norms of the source language and culture. This tendency, which has often been characterized as the pursuit of adequate translation,² may well entail certain incompatibilities with target norms and practices, especially those lying beyond the mere linguistic ones. If, on the other hand, the second stance is adopted, norm systems of the target culture are triggered and set into motion. Shifts from the source text would be an almost inevitable price. Thus, whereas adherence to source norms determines a translation's **adequacy** as compared to the source text, subscription to norms*

*originating in the target culture determines its **acceptability**.* [Toury, 1995: 56-57]

Assim, entende-se o conceito de norma como sendo um processo de escolha de modo a não trair nem o sentido do texto de partida, nem a comunidade na qual se insere e desempenha esse tal papel social. Desde o início, o tradutor deve optar entre traduzir em adequação, ou seja, trazer o texto de partida à cultura de chegada, ou traduzir em aceitabilidade, o que significa levar o público-alvo à cultura de partida.

In certain case, translations fully correspond to texts originally composed in the target system. In other cases they may differ from them in form and formulation, and form a distinct subsystem in the target system. In both cases, however, the basic [functional] differentia specifica is the same: their being regarded as translations from the intrinsic point of view of the target system. The difference between them lies in the type of norms of acceptability which dominate the system in question: whether a translation is supposed to be acceptable as an original text in the target language in general (or in certain textual tradition within the target culture), or as a translation into that language (or textual tradition). [Toury, 1986: 1121]

[...] the greater the initial possibility of establishing an (equivalent) translation that is also adequate. Obviously, the opposite likewise holds true. Thus, “adequacy” in translation is a function of translatability in its maximal sense, which is not only linguistic but also textual. [...] However, adequacy is only an initial possibility, which is not necessarily realized during the translating process and in its product in a maximal way. Translation equivalence – that target – source relationship which defines translation, or distinguishes between translations and non-translations – is always some combination of, or

incompatible poles of the target system and the source text and system: acceptability and adequacy, respectively. [Toury, 1986: 1122-1123]

É por isso que se chama norma inicial, trata-se de uma opção tomada antes de se começar a traduzir e que tem de prevalecer até ao fim, para não correr o risco de tornar o texto incoerente. As normas preliminares dizem respeito à fidelidade do tradutor ao público-alvo e à sua própria cultura, pois dependendo das culturas é bem ou mal avaliado um texto ser traduzido a partir de outra tradução, em vez de ser traduzido a partir de um texto original. Em tempos, a maioria dos textos traduzidos para português passavam pelo francês por se tratar da língua de referência. Era nessa língua que os textos adquiriam a sua aprovação ou a sua rejeição, no fundo a sua avaliação qualitativa, que lhes dava a condição de poderem vir a ser traduzidos. Hoje em dia, essa prática é menos frequente para a literatura e existe uma tendência para se preferir um texto traduzido directamente da língua do texto original. O tradutor, para agradar o seu público-alvo, terá de ter em atenção essas modas e a aceitação do leitor a uma tradução a partir de outra tradução. Finalmente, as normas operacionais dizem respeito às decisões tomadas à medida que se vai traduzindo. Estas últimas são aprofundadas por Andrew Chesterman. Este estudioso distingue a norma profissional da norma expectativa. As normas profissionais subdividem-se em três grandes grupos: normas de contabilidade que consistem em normas de éticas e apelam ao padrão de integridade; normas de comunicação, que consistem em normas sociais e dão ênfase ao papel do tradutor como perito em comunicação; e, por fim, normas relacionais, que são normas linguísticas e requerem que o tradutor estabeleça e mantenha uma relação apropriada entre o texto de partida e o texto de chegada, tendo em conta a sua interpretação das intenções do autor do texto de partida, o público-alvo e o objectivo da tradução.

As normas expectativas são estabelecidas pelo leitor da tradução, de facto, espera-se de uma tradução que tenha a mesma qualidade que um texto produzido por um nativo na língua de chegada (Baker, 1997: 163-165).

Chesterman conclui que em última instância a prioridade será o texto de chegada, o tradutor terá de encontrar palavras ou frases equivalentes que traduzam o significado, mas dando sempre mais importância à fluidez do texto escrito na língua de chegada.

The concept of norms ultimately gives priority to the target text, rather than the source text, and has therefore effectively replaced EQUIVALENCE as the operative theme in translation studies.

[Baker, 1997: 165]

B- Problema de Tradução

Andrew Chesterman (2002) define *problema* como sendo uma incompatibilidade entre o fim e o meio, ou seja, o tradutor tem o fim em vista, mas ainda não sabe como chegar a ele a partir do sítio onde se encontra. Estabelece então *estratégias* que descrevem procedimentos para ultrapassar os problemas encontrados e chegar ao fim que o tradutor se propôs. Divide os problemas em três grandes categorias às quais se dirigem os três grandes grupos de estratégias que resolvem os respectivos problemas. Para começar existem os problemas de procura, para os quais se adequam as estratégias de busca: consistem em problemas relativos à procura de determinados termos, tendo nomeadamente como solução aprender a usar dicionários, ler textos paralelos e usar bancos de dados. Depois, o tradutor pode deparar-se com problemas de bloqueio, isso significa que o tradutor deixa de conseguir escrever por alguma razão, estes podem ser ultrapassados com estratégias de criatividade, que consistem em ir dar um passeio ou beber um café, onde possa talvez falar do seu problema com alguém. Por

fim, existem os problemas textuais que se traduzem pela dificuldade encontrada em traduzir expressões idiomáticas ou metáforas. Chesterman propõe então estratégias textuais que serão desenvolvidas com questões práticas que surgiram ao longo da tradução de *Renovar a Produção de Energia na Europa: um Desafio Ambiental Industrial e Político* de Antoine Pellion.

O fio condutor da análise dos problemas de tradução é o livro intitulado *Can Theory Help Translators? – A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*, de Andrew Chesterman e Emma Wagner. Isto é, os termos utilizados para explicar os processos de tradução serão os que se encontram neste texto.

II- Estratégias para solucionar problemas

Andrew Chesterman distingue estratégias textuais globais, que se aplicam a todo o texto, de estratégias textuais locais, que dizem respeito apenas a um segmento de texto.

A- Estratégias Globais Textuais

As estratégias textuais globais são geralmente decisões que o tradutor toma antes de começar a traduzir, ou seja, parte do mesmo princípio que a norma inicial de Toury. Pode-se, portanto, optar pela adaptação que consiste, como o próprio nome indica, em adaptar o texto de partida à cultura de chegada, não deixando nenhuma marca da língua de partida, chegando até a sugerir traduzir os nomes de modo a não causar estranheza no público-alvo, sobretudo quando se trata de livros infantis. Outra opção, como já se viu, é a tradução em aceitabilidade que consiste em manter o “estrangeiro”. Neste caso, a fluidez da língua de chegada não é uma prioridade, sendo priorizada a cultura ou a estética da língua de partida.

Christiane Nord também partilha essa opinião e admite que na maior parte dos casos, não sendo o iniciador, isto é aquele que encomenda uma tradução, na maior parte das vezes, o tradutor é um perito que deve tomar decisões relativas à tradução e definir as suas próprias instruções.

[...] it is the translator, as an expert in the target culture, who converts the information the initiator gives him about the target text situation into a practicable definition of the target text skopos (“translating instructions” are the “skopos”)

[Nord, 1991a: 8-9]

Emma Wagner acrescenta ao discurso de Andrew Chesterman que, consoante a intenção da tradução e o público-alvo, o tradutor tem de tomar decisões mais específicas que também se inserem nas estratégias globais textuais, nomeadamente a simplificação, a explicitação, a condensação e a tradução directa (2002: 58-59). Andrew Chesterman retoma essas quatro estratégias, mas insere-as enquanto subgrupos das estratégias textuais locais, porque só podem ser tomadas à medida que surgem determinados problemas. É por essa razão que serão abordadas juntamente com as estratégias textuais locais.

Na tradução de *Renovar a Produção de Energia na Europa: um Desafio Ambiental, Industrial e Político* de Antoine Pellion, a primeira decisão que se teve de tomar foi a de qual seria o público-alvo deste texto, para poder orientar a tradução. Sendo que se trata de um texto informativo e argumentativo sobre a situação em que se encontra a União Europeia relativamente às energias renováveis, com o objectivo de alertar para os possíveis cenários caso não se tomem decisões mais significativas a nível das políticas europeias, considera-se que o público-alvo é um cidadão informado e familiarizado com algum vocabulário mais técnico sobre as energias renováveis por forma a promover um debate sobre essa matéria.

Esta estratégia global textual não é muito relevante para o texto em questão, pois trata-se de um texto que se refere à União Europeia, um espaço comum a ambas as línguas. De facto, é preciso não perder de vista que tanto Portugal como França se encontram na União Europeia, e que na possibilidade de uma publicação da tradução, a sua distribuição seria provavelmente apenas europeia, por tratar apenas de questões ligadas a esse espaço geográfico. É por esse motivo que a questão da adaptação e da aceitabilidade não é relevante. Com efeito, a escolher o tradutor virar-se-ia para a tradução em adaptação, de maneira a tornar o texto mais fluído em português e tentar

sensibilizar o leitor português da mesma maneira que um leitor francês ficaria sensibilizado, pondo desta forma o texto ao alcance do cidadão europeu comum.

B- Estratégias Textuais Locais

Segundo Andrew Chesterman, as estratégias textuais locais aproximam-se mais de táticas do que de estratégias em si. Trata-se mais precisamente de meios para alterar vários aspectos linguísticos do texto de partida à medida que se traduz.

Andrew Chesterman encontrou uma classificação para as estratégias textuais usando uma metalinguagem acessível aos tradutores, pois a maioria não tem formação linguística.

Sob o véu da “distracção” ou da “incompetência linguística”, o que Pym julga como “externo à tradução”, a rigor refere-se, do meu ponto de vista, à dimensão subjectiva. Não é nada raro, entre os teóricos da tradução, esse gesto de excluir os aspectos relativos á subjectividade. A mesma conduta é adoptada, por exemplo no modelo de avaliação de traduções proposto por Juliane House em 1981, até hoje o mais conhecido na área. Esse modelo, todo calcado na oposição certo/errado, parte do pressuposto de que “a essência da tradução reside na preservação do ‘significado’ em duas línguas distintas”, e de que “esse significado compreende três aspectos básicos: o semântico, o pragmático e o textual” (House, 1981:26)

[Frota, 2000: 228]

Tendo em conta que Chesterman também faz a separação entre esses três aspectos básicos, cada um será alvo de uma análise.

1- Estratégias Sintáticas

Chesterman descreve as estratégias sintáticas como sendo modificações apenas a nível sintático, nomeadamente: a tradução literal que consiste na maior aproximação ao texto de partida aplicando as regras gramaticais da língua de chegada; o empréstimo, ou seja, a utilização de um termo do texto de partida e do sintagma, o que por vezes se usa com a dupla-apresentação para que o sentido não escape ao leitor da língua de chegada; a transposição que consiste na mudança de qualquer classe de palavras; e na mudança de subclasse, onde a mudança se faz apenas a nível da unidade (morfema, palavra, frase); a mudança da estrutura nominal, da estrutura da oração e da estrutura frásica; as mudanças de coesão, em que a alteração afecta a referência intra-textual, nomeadamente elipses, substituições, pronominalizações, repetições e o uso de conectores lógicos; e, finalmente, a mudança esquemática que concerne o esquema retórico tal como o paralelismo, a repetição, a aliteração e a métrica.

No texto original de Antoine Pellion, existem vários empréstimos do inglês por se tratar da língua da economia por excelência, a maior parte dos termos económicos vêm do inglês e é frequente usá-los na sua forma original. Em português, mais do que em francês, essa prática é recorrente, pelo que os empréstimos ingleses que se encontram no texto original, foram conservados na tradução. O tradutor tem essa liberdade por partir do princípio que o leitor está familiarizado com esses termos.

Atente-se aos seguintes exemplos:

*Si les acteurs communautaires jouent un rôle essentiel pour mutualiser les **best practices** et tirer parti de la diversité des approches et des sensibilités nationales (...)*

[Original, pg. 10]

*Les acteurs communautaires jouent alors un rôle essentiel de coordination et de proposition pour mutualiser les **best practices** et tirer parti de la diversité des approches des États membres et des sensibilités nationales.*

[Original, pg. 32]

Nos dois casos o termo inglês, *best practices*, ocorre em itálico, que é o uso corrente para um empréstimo.

Usam-se aspas quando se pretende destacar palavras ou expressões pouco utilizadas (por exemplo, palavras estrangeiras) ou empregadas com qualquer valor especial (afectivo irónico), ou quando se indicam aspectos referentes à sua forma ou significado. [...] Nos textos impressos costuma usar-se, em vez de aspas, um tipo diferente, geralmente o itálico, para destacar as referidas palavras ou expressões. [Bergström, 2000: 78]

Na tradução conservou-se exactamente a mesma prática:

*Se os actores comunitários têm um papel essencial para mutualizar os **best practices** e tirar partido da diversidade das abordagens e sensibilidades nacionais (...)*

[Tradução, pg. 7]

*Os actores comunitários têm um papel essencial na coordenação e na proposição para mutualizar as **best practices** e tirar partido da diversidade das abordagens dos Estados-Membros e das sensibilidades nacionais.*

[Tradução, pg. 27]

O mesmo acontece com o termo *benchmark*:

*Compte tenu des similitudes des problématiques énergétiques européennes et de la richesse de ce tissu industriel, il semble capital de transposer la culture du **benchmark** à la politique énergétique et environnementale. [Original, pg. 32]*

*Tendo em conta as semelhanças das problemáticas energéticas europeias e de riqueza deste tecido industrial, parece ser imprescindível transportar a cultura do **benchmark** na política energética e ambiental.*

[Tradução, pg. 27]

No entanto, observa-se que tanto o termo *peak oil* como o termo *offshore* e *joint ventures*, não se encontram destacados em itálico. No que diz respeito ao primeiro termo, o autor recorre sempre às aspas. O termo *Peak oil* significa *pico de produção do petróleo*. E, como já foi referido no capítulo anterior, pode considerar-se como sendo um estrangeirismo pelo seu uso pouco frequente em francês. É, certamente, por essa razão que o autor optou pelo uso das aspas em vez do itálico:

*Production mondiale de pétrole et “**Peak Oil**”*

[Original, pg. 18]

*Si la situation actuelle ne s’améliore pas, le manque d’investissement dans les capacités de production risque à court terme de rapprocher le “**peak oil**” annoncé.*

[Original, pg. 20]

Desse modo, optou-se por fazer o mesmo, traduzindo literalmente, mas sem desrespeitar as convenções ortográficas acerca do vocabulário. Poder-se-á dizer que, neste caso, a fidelidade do tradutor manteve-se para com o autor, não querendo interferir numa escolha que certamente terá sido ponderada:

*Produção Mundial de Petróleo e “**Peak Oil**”*

[Tradução, pg. 14]

*Se a situação actual não melhorar, a falta de investimento nas capacidades de produção arrisca-se a curto prazo a aproximar-se do “**peak oil**” anunciado.*

[Tradução, pg.17]

Já os termos *offshore* e *joint-ventures* aparecem sem ser em itálico, por já terem entrado em dicionários franceses:

*À l'horizon 2010, l'éolien est amené à se développer fortement, notamment en **offshore** qui est un moyen de limiter les problématiques d'acceptation et de construire des unités plus puissantes.*

[Original, pg. 71]

*Les **joint-ventures** sont d'ailleurs de plus en plus courantes pour surmonter des déficits technologiques communs et mettre en synergies les valeurs ajoutées.*

[Original, pg. 31]

No entanto, em português, costuma-se usar tanto os estrangeirismos como os latinismos em itálico, de modo a evidenciar que se trata de uma palavra estrangeira, foi por essa razão que se optou por usar os mesmos empréstimos, mas em itálico:

*No horizonte de 2010, o eólico deverá desenvolver-se fortemente, nomeadamente em **offshore** que é um meio de limitar os problemas de aceitação e de construir unidades mais potentes.*

[Tradução, pg. 60]

*Aliás as **joint-ventures** são cada vez mais actuais/usuais para ultrapassar desafios tecnológicos comuns e pôr em sinergia os seus valores acrescentados.*

[Tradução, pg. 27]

O termo *fog*, que já foi acima referido também é um anglicismo:

*D'abord locale, (le **fog** au Royaume-Uni dû aux poussières de charbon, le réchauffement des rivières en sortie de centrales), elle s'est régionalisée [...] puis mondialisée.*

[Original, pg. 24]

Na tradução para português, considera-se que o autor tinha a intenção de usar o termo *smog*, que já foi referido no capítulo anterior. É na realidade uma amálgama que junta as palavras *fog e smoke* (nevoeiro e fumo). Por essa razão, optou-se por usar o termo inglês *smog*, que seria o empréstimo mais adequado à situação descrita. Se a intenção do autor era realmente a de usar o termo *fog*, então ter-se-ia usado a palavra portuguesa *nevoeiro*, sem ter de recorrer a nenhum empréstimo.

*Inicialmente local, (o **smog** no Reino Unido devido às poeiras de carvão, o aquecimento dos rios à saída das centrais) regionalizou-se [...] e seguidamente mundializou-se.*

[Tradução, pg. 20]

Existe apenas mais um uso de empréstimo de um termo inglês. Trata-se de um caso diferente dos anteriores, pois o termo que aparece no texto de partida é o termo francês *savoir-faire*, onde o tradutor poderia optar pelo galicismo, por um sinónimo português, como por exemplo *experiência* ou pela paráfrase *capacidade em fazer alguma coisa*, ou, por fim, pelo anglicismo *know-how* que expressa exactamente a mesma ideia do que *savoir-faire* e é usado com frequência na língua portuguesa:

*Au-delà du **savoir-faire** à développer au sein d'une entreprise, la coordination entre les industriels, les nationalités et culture différentes, est capitale.*

[Original, pg. 64]

*Para além do **know-how** a desenvolver no seio de uma empresa, a coordenação entre os industriais, as nacionalidades e culturas diferentes é capital.*

[Tradução, pg. 54]

Para além dos empréstimos presentes no texto, ao traduzir recorre-se frequentemente a alterações na ordem frásica ou até mesmo na composição da frase, de modo a tornar o texto mais fluido na língua de chegada:

Atente-se ao seguinte exemplo:

*Le terme d'approvisionnement est souvent employé pour désigner une ou plusieurs étapes du processus **permettant** d'acheminer l'énergie, initialement sous forme naturelle, au consommateur final (Figure 1).*

[Original, pg. 15]

*O termo aprovisionamento é frequentemente usado para designar uma ou várias etapas do processo **que permite** o encaminhamento de energia, inicialmente sob forma natural, até ao consumidor final (Figura 1).*

[Tradução, pg. 11]

Observa-se que na tradução passou-se de um gerúndio para uma oração subordinada relativa. Trata-se apenas de tornar o texto mais português para um leitor dessa língua. Espera-se através deste tipo de processos tornar a tradução tão parecida quanto possível com um texto escrito na língua de chegada. No entanto, é importante reparar que a intenção do autor não foi desrespeitada.

No que diz respeito a mudanças da estrutura frásica apresenta-se apenas um a título de exemplo que ilustra este tipo de estratégia:

Si ce besoin de renouvellement donne l'opportunité de modifier la structure du parc existant et de mettre en place des technologies non émettrices de CO₂ tenant compte de la limitation des ressources, comme les énergies renouvelables, le charbon propre ⁽⁵¹⁾ ou le nucléaire, il constitue un véritable défi de mise en œuvre et nécessite une mobilisation immédiate de tous les acteurs.

[Original, pg. 56]

E esta necessidade de renovação oferece a oportunidade de alterar a estrutura do parque existente e de implementar tecnologias não emissoras de CO₂, tendo

em conta a limitação dos recursos, como as energias renováveis, o carvão limpo⁽⁵¹⁾ ou a energia nuclear. No entanto, constitui um verdadeiro desafio em termos de implementação e requer uma mobilização imediata de todos os actores.

[Tradução, pg. 47-48]

Como se pode ver, o tradutor optou por passar de uma relação sintáctica para uma relação paratáctica. De facto, a construção em francês é de subordinação introduzida pela preposição *si*. Em português, o tradutor transformou a frase em duas orações principais separadas, tendo como ligação o conector lógico *no entanto*.

2- Estratégias Semânticas

Segundo Andrew Chesterman as mudanças semânticas dizem respeito ao significado lexical, figurativo e temático.

a- Sinónimos, antónimos e conversões.

A primeira estratégia a que Chesterman se refere é a que selecciona um equivalente menos “óbvio”, ou seja, um sinónimo, de modo a evitar as repetições.

O uso de um antónimo com o negativo ou da conversão, também são formas de evitar repetições. As abstracções podem tornar-se mais concretas ou vice-versa.

[...] (Dagut: 1971; Rabin 1958; Wonderly 1968) they suggest that lexical simplification operates according to size principles or strategies, which derive from the individual's semantic competence in his/her mother tongue. This principles are: use of superordinate terms when there are no equivalent hyponyms in the target language, approximation of the concepts expressed in the source language text, use of “common-level” or “familiar” synonyms, transfer of all the functions of a source-language word to its target-language equivalent, use of circumlocutions instead of conceptually matching high-level words or expressions (especially with theological, culture-specific or technical terms), and use of paraphrase where cultural gaps exist between the source and the target languages.

[Laviosa-Braithwaite, 1997: 288]

O seguinte exemplo já foi referido no capítulo anterior, apesar de se acrescentar o verbo no infinitivo, *definir*, optou-se por usar um sinónimo para substituir o termo *utilisables* (utilizáveis):

Des objectifs pertinents et directement utilisables semblent donc nécessaires.

Les indicateurs possibles sont multiples, comme la part de l'énergie dans le budget des ménages ou le coût des technologies de production.

[Original, pg. 39]

Efectivamente, na tradução o termo usado é *atingível*, por duas razões. Por um lado, pretende-se fugir ao decalque do texto de partida, não recorrendo a termos com a mesma etimologia para não cair na tradução literal por esta causar um sentimento de estranheza ao leitor do texto-alvo. É preciso não perder de vista que a tradução literal em si não tem mal, desde que não prejudique a intenção do autor. Por outro lado, o termo *atingível* neste contexto é mais correcto do que o termo *utilizável*. O termo *atingível*, quando se aplica a termos como *resultado*, *objectivo* ou *meta* significa que o que pode ser visado por um sujeito pode tornar-se realidade. Enquanto que o termo *utilizável* significa *que pode ser utilizado*, pode até chegar a ter a mesma acepção que *atingível*, mas apenas a referir-se a uma vertente mais prática, ou seja, as coisas utilizáveis têm necessariamente de ser objectos e não conceitos. É uma pequena *nuance* que torna o texto de chegada um pouco mais rico, equilibrando os pratos da balança do tradutor:

Portanto, definir objetivos pertinentes e directamente atingíveis parece ser indispensável. Os indicadores possíveis são múltiplos, como a parte da energia no orçamento das famílias ou o custo das tecnologias de produção.

[Tradução, pg. 33-34]

À semelhança do caso anterior, o autor recorre a um termo que, de certo modo, seria mais compreendido pelo público-alvo usando um sinónimo. Existe, no entanto, uma particularidade interessante de se analisar:

Ces contraintes “d’intendance” ne sont pas à négliger. [Original, pg. 61]

Repara-se que o autor do texto de partida usa a palavra *intendance* entre aspas. *Intendência* é o cargo da direcção ou administração de um serviço público ou então trata-se do serviço logístico militar. A intenção do autor poderia ser a de recorrer a uma metáfora, no entanto, as aspas reflectem alguma insegurança por parte do autor. Ou terá recorrido às aspas para mostrar que faz referência a uma frase famosa de De Gaulle: “l’intendance suivra!”. Reza a história que o General De Gaulle tinha reunido o estado-maior para determinar uma estratégia. Quando um oficial lhe perguntou: “Mais l’intendance, mon général?” (então e a intendência, meu general?), este respondeu a célebre frase. É preciso perceber que a intendência é um dos grandes serviços que as forças armadas têm. As suas principais funções são de abastecer as tropas em mantimentos e gerir as contas. Ou seja, a intendência trata de todas as questões de ordem prática, isto é a gestão num sentido lato. Esta expressão significa que os meios deverão adaptar-se, o mais rapidamente possível, à decisão tomada. O que no contexto faz todo o sentido, pois é preciso dar a devida importância a toda a parte prática.

Na tradução, sem deixar de respeitar o autor, optou-se por traduzir o termo *intendance* pelo termo *logística* retirando as aspas, de modo a transmitir ao leitor uma mensagem clara e sem hesitações. Perde-se a referência à célebre frase de De Gaule, no entanto, para um leitor de cultura portuguesa não se justifica manter-se a palavra *intendência* com uma nota de tradutor. Com efeito, esta frase pertence à cultura da língua de partida e não se pode dizer que o público-alvo perde muito em não ter a mesma referência.

*Estas restrições **logísticas** não devem ser negligenciadas.*

[Tradução, pg. 52]

Este é o único caso no texto em que a cultura interfere na tradução. Com efeito, foi referido que tratando-se de um texto destinado a todos os cidadãos europeus, a cultura

da língua de partida tinha pouca influência na compreensão do texto-fonte. No entanto, como se pode ver, quem não conheça a cultura francesa não identifica a alusão ao General De Gaulle. Optou-se por não fazer a mesma alusão acrescentando uma nota do tradutor porque isso só tornaria o tradutor visível e o leitor não ganharia muito com essa informação adicional, até se poderia dizer que perde por se quebrar o ritmo de leitura.

Na tradução de Antoine Pellion, também se recorre a antónimos seguidos de uma negação para evitar o decalque da língua de partida.

Atente-se aos seguintes exemplos:

Au-delà de la problématique de long terme, impliquant un changement in fine de nos modes de consommation, les enjeux industriels de court et de moyen terme de cette adaptation sont tout aussi cruciaux quoique que peu traités.

[Original, pg. 7]

Como se pode ver na oração francesa, o autor constrói a sua frase na positiva. Na tradução optou-se pela negação seguida do verbo *deixar* que tem o efeito de uma dupla negação:

Para além da problemática a longo prazo, que implica uma mudança in fine dos nossos modos de consumo, os desafios industriais a curto e médio prazo desta adaptação também não deixam de ser cruciais apesar de serem pouco discutidos.

[Tradução, pg. 4-5]

E, por fim, para dar um exemplo de uma conversão, repare-se que no próximo exemplo o autor do texto original recorre a adjectivos para caracterizar o estado em que as populações deveriam encontrar-se para se adaptar ao aquecimento global:

*Cette option suppose que le réchauffement ne mette pas en danger la survie de l'espèce et que toutes les populations soient **désireuses** et **capables** d'agir le moment venu.*

[Original, pg. 25]

De facto, os adjectivos que descrevem as populações na situação prevista são *désireuses*, ou seja *desejosas*, e *capables*, ou seja *capazes*. Ao traduzir para a língua portuguesa, optou-se por usar o verbo *ter* seguido de substantivos, em vez de o verbo *ser* seguido de adjectivos:

*Esta opção supõe que o aquecimento não põe em perigo a sobrevivência da espécie humana e que todas as populações têm **o desejo** e a **capacidade** de agir em devida altura.*

[Tradução, pg. 21]

Esta alteração permite ao tradutor afastar-se um pouco do texto de partida e não cair na tradução literal.

b- Expansão e Condensação

Para além disso, também se pode recorrer a alterações a nível da distribuição, ou seja, o recurso à expansão ou à condensação, de modo a obter a mesma componente semântica, mas evitar o decalque da língua de partida. E ainda, consoante o objectivo da tradução, mudar a ênfase que o texto de partida deu, ou o uso da paráfrase que se pode incluir na estratégia de explicitação.

Blum-Kulka defende que o tradutor recorre à expansão ou à condensação para evitar, como Chesterman afirma, o decalque da língua de partida, mas acrescenta que se insere no processo de explicitação, pois geralmente o processo de explicitação passa pelo uso de uma paráfrase ou de um acrescento de alguma palavra de modo a tornar o

texto mais explícito e evitar ambiguidades. O mesmo acontece com a condensação que torna, geralmente, o texto menos explícito, ou seja, o processo de implicitação passa pela estratégia de condensação. Toury defende que a explicitação é um processo inerente a qualquer pessoa que verta um código para outro.

Blum-Kulka (1986) notes that shifts occur in the types of cohesion markers used in the target texts and records instances where the translator expands the target text by inserting additional words.[...] Blum-Kulka (1986: 19;21) puts forward 'the explicitation hypothesis', which posits that the rise in the level of explicitness observed in translated texts and in the written work of second language learners may be a universal strategy inherent in any process of language mediation.

Toury claims that there is an obvious correlation between explicitness and readability (1995:227) and proposes to exploit this relationship in experimental studies with a view to assessing the varying extent to which the strategy of explicitation may be applied either in different processes of language mediation or in the same type of mediated linguistic behaviour performed under different conditions.

[Laviosa-Braithwaite, 1997: 289]

Baker (1992) also reports several examples where the translator inserts additional background text in order to fill in a cultural gap.

[Laviosa-Braithwaite, 1997: 289]

Não foi preciso, na tradução de Antoine Pellion, recorrer a processos de expansão no sentido de preencher uma falha de conhecimento a nível cultural. Com efeito, como se trata de um texto técnico, onde a cultura da língua de partida não interfere na compreensão do texto de chegada, não foi preciso acrescentar nenhuma

informação relativa à cultura da língua de partida, as únicas expansões a que se recorreu ao longo da tradução estão ligadas à estratégia de explicitação, de modo a tornar o texto mais claro para o público-alvo.

A obra refere-se ao espaço da União Europeia e destina-se a cidadãos desta mesma, por isso, o tradutor não sente a necessidade de acrescentar informações acerca da cultura de chegada. É também por essa razão, que não há necessidade de recorrer à condensação. Por outro lado, a tendência que os tradutores têm é de explicitar, assim, nota-se que a o processo de expansão está ligado à explicitação e que como não se recorre à implicação, o processo de condensação é nulo.

O primeiro exemplo ocorre na página 22 do texto de partida, onde o autor explica a razão que leva os preços do petróleo e do gás a serem tão voláteis e o porquê do aumento dos preços nos mercados mundiais:

*En définitive, le manque d'information sur les réserves et l'accroissement des menaces sur la continuité de l'approvisionnement, tant à la production que dans le transport, conduisent à une très forte volatilité des prix du pétrole et du gaz et à **une hausse des marchés mondiaux.***

[Original, pg. 22]

Ora no texto original, o autor diz apenas *et à une hausse des marchés mondiaux* (e a um aumento dos mercados mundiais), o que poderia levar o leitor a pensar que os mercados mundiais é que aumentam, quando na realidade trata-se apenas dos preços nos mercados mundiais que aumentam por causa da falta de informação sobre as reservas. Opta-se então por acrescentar *os preços* para garantir que o leitor do texto de chegada interprete correctamente a intenção do autor.

Em definitivo, a falta de informação sobre as reservas e o aumento das ameaças sobre a continuidade de aprovisionamento, tanto na produção como no

*transporte, levam a uma forte volatilidade dos preços do petróleo e do gás e **um aumento dos preços nos mercados mundiais***

[Tradução, pg. 19]

No entanto, é importante não esquecer que o termo *hausse*, ou seja, *subida*, ocorre apenas com um conjunto restrito de termos, entre os quais se encontra o termo *prix*. Isto significa que a elipse da palavra *prix* no texto-fonte não impede o leitor da língua de partida de perceber do que se trata. Porém, ao recorrer-se à palavra *aumento*, não se pode deixar de especificar que se trata dos *preços*. Este exemplo demonstra bem a atitude de explicitação que o tradutor tende a ter.

Outro exemplo semelhante ao anterior encontra-se na nota 21, onde o autor explica que as emissões de gás com efeito de estufa provocam o aquecimento global e por conseguinte a alteração climática que leva a uma migração dos vegetais e dos animais.

⁽²¹⁾ *Les émissions anthropiques de gaz à effet de serre comme le CO₂ ont vraisemblablement provoqué l'un des réchauffements climatiques les plus rapides de l'histoire terrestre. L'impact humain, bien que faible, a déstabilisé durablement l'équilibre du système climatique. Le réchauffement provoquant **un décalage de climat**, pousse à la migration des espèces, des végétaux de quelques centaines de kilomètres.*

[Original, pg. 24]

O texto de partida diz apenas *décalage de climat*, onde se dá a entender que por causa da interferência do homem no ambiente o clima muda, no entanto, apesar de mudar, não é essa a intenção do autor, porque o facto de o clima mudar já é de conhecimento geral, o que pretende dizer é que as zonas climáticas se deslocam, isto é, as regiões de determinados climas estão em mudança. Portanto, optou-se por traduzir por *deslocação*

das zonas climáticas, acrescentando a informação de que se tratam de zonas, de modo a facilitar a leitura na língua de chegada:

⁽²¹⁾ *As emissões antropogénicas de gás com efeito de estufa como o CO₂ parecem ter provocado um dos aquecimentos globais mais rápidos da história terrestre. O impacto do Homem, mesmo sendo fraco, destabilizou permanentemente o equilíbrio do sistema climático. O aquecimento, provocando **uma deslocação das zonas climáticas**, leva à migração das espécies, dos vegetais de algumas centenas de quilómetros.*

[Tradução, pg. 21]

Em francês recorre-se frequentemente ao uso da nominalização de adjectival, identificando uma entidade por uma característica. Atente-se ao seguinte exemplo, onde se usa *le danois* (o dinamarquês) para se referir a uma empresa dinamarquesa:

*Les équipementiers sont particulièrement diversifiés; par exemple, Bouygues ou Vinci dans le génie civil, Nexans pour les câbles électriques. De nouveaux acteurs émergent dans le secteur éolien, comme **le danois** Vestas.*

[Original, pg. 31]

Em português essa prática é menos corrente, pelo que se decidiu recorrer à expansão, como *a empresa dinamarquesa*, de modo a não cair no decalque da língua de partida. Este processo também poderia inserir-se no de normalização, porque, efectivamente, trata-se de tornar uma forma típica da língua de partida numa expressão mais fluida e correcta na língua de chegada. Ainda na mesma frase, nota-se que o autor recorre a uma forma condensada para se referir às empresas que constroem equipamentos electrónicos, ao usar apenas o substantivo *équipementier*. Em português, não existindo um substantivo equivalente, será necessário explicitar e recorrer a uma paráfrase para traduzir o termo:

As empresas de equipamentos electrónicos são particularmente diversificadas: por exemplo, Bouygues ou Vinci em engenharia civil, Nexans para os cabos eléctricos. Novos actores estão a emergir no sector eólico, como a empresa dinamarquesa Vestas.

[Tradução, pg. 27]

Note-se que neste caso, não se pode traduzir literalmente por causar um efeito de estranheza ao público-alvo. Com efeito, recorrer ao adjectivo fazendo a elipse do substantivo em português é menos usual.

O mesmo acontece com a seguinte frase que contem dois exemplos, semelhantes ao anterior. Nos dois casos, o autor está a referir-se à energia, no entanto, não usa o termo energia, recorre uma vez mais a um processo de nominalização deadjectival: *le nucléaire* (o nuclear) e [*le*] *renouvelable* (o renovável), típico da língua francesa:

Elle exclut volontairement de cette relance, les autres énergies non carbonée, comme les centrales à charbon avec capture et stockage de CO₂ et le nucléaire. Étant donné le potentiel de ces technologies, il aurait pourtant semblé plus pertinent de fixer un objectif plus ambitieux d'énergie non carbonée au lieu de se limiter à 20% de renouvelable pour 2020.

[Original, pg. 43]

Em português, como esse processo não é usual, decide-se acrescentar o termo *energia*, de modo a não decalcar o texto de partida. Este processo poderia, como já foi referido no exemplo anterior, fazer parte da estratégia de normalização.

Exclui voluntariamente desta iniciativa, as outras energias sem carbono, assim como as centrais a carvão com captura e armazenamento de CO₂ e energia nuclear. Tendo em conta o potencial destas tecnologias, teria no entanto sido

*mais pertinente fixar um objectivo mais ambicioso de energia sem carbono em vez de se limitar a 20% de **energia renovável** para 2020.*

[Tradução, pg. 36-37]

É preciso ter sempre em conta o efeito de estranheza que certas construções podem causar ao público-alvo. Por exemplo, *o eólico* já é usado na linguagem corrente para designar a energia eólica. O tradutor pode optar entre explicitar usando um substantivo antes do adjectivo de modo a conferir um carácter mais específico ao texto, ou usar um termo que já se usa correntemente.

Ainda no que diz respeito a um uso da condensação de termos em francês, o próximo exemplo faz a elipse do substantivo, *grupos*, recorrendo à nominalização de adjectival de *industriels*, ou seja, *industriais*, usando até um adjectivo a anteceder-lo, *gros* (grande):

*Il est possible de se couvrir contre ce risque de marché en concluant des constats d'approvisionnement de long terme avec de **gros industriels** électro-intensifs, des collectivités locales, ou encore des « distributeurs purs » d'électricité.*

[Original, pg. 66]

Sendo esta prática menos usual em português, o tradutor teve de recorrer a um processo de expansão, que de certo modo também se insere no processo de explicitação por retirar a ambiguidade que a elipse poderia causar:

*É possível proteger-se contra esse risco de mercado, concluindo contratos de aprovisionamento a longo prazo com os **grandes grupos industriais** electro-intensivos, as autarquias locais, ou ainda os “distribuidores puros” de electricidade.*

[Tradução, pg. 56]

O seguinte exemplo diz respeito a uma palavra da gíria económica. No texto de partida o autor optou por não explicitar que o verbo *moduler* (*modular*) se referia à produção: *modular* significa adaptar-se à situação. Em economia é usado quando se trata de adaptar a oferta à procura para responder mais facilmente às necessidades de consumo. Por exemplo, se existir apenas uma central eléctrica para uma grande área, será difícil adaptar a produção dessa central, que precisa de ser grande para abastecer uma área dessas, às situações do mercado. Não conseguindo armazenar energia, a central estará a desperdiçar muita energia em certas alturas do ano. No entanto, se existirem vários “módulos” constituídos por centrais mais pequenas e mais repartidas pela área a cobrir, então cada uma poderá adaptar-se mais facilmente às exigências do mercado.

*À l'échelle du réseau, la multiplication des petites centrales permet une plus grande flexibilité de production tout en réduisant le nombre d'unités devant **moduler** pour s'adapter aux fluctuations saisonnières de la consommation.*

[Original, pg. 60]

Embora a tradução fique com a palavra *produção* repetida na mesma frase, esta é mais explícita do que a versão do texto de partida, o que permite ao leitor uma leitura mais fluida:

*À escala da rede, a multiplicação das pequenas centrais permite uma maior flexibilidade de produção, reduzindo simultaneamente o número de unidades que devem **modular a produção** para se adaptar às flutuações sazonais de consumo.*

[Tradução, pg. 51]

No seguinte exemplo constata-se que o autor recorreu a uma elipse:

*Il est nécessaire d'installer un grand nombre de nouvelles centrales en Europe à la fois pour remplacer les anciennes et pour répondre à la croissance de la **demande de pointe** qui ne pourra être satisfaite par les développements des réseaux.*

[Original, pg. 60]

O autor recorre ao sintagma *de pointe* como atributo de *demande*, dando-se a elipse do termo *heures* entre *demande* e *de pointe*, trata-se de uma metonímia consagrada na área da energia que equivale ao termo inglês *peak oil*. De facto, trata-se da *demande des heures de pointes*, ou seja, *procura durante as horas de ponta*. Em português o termo também se usa. Este é um exemplo em que se mantém o implícito pelo termo ser usado da mesma maneira nas duas línguas:

*É preciso instalar um grande número de novas centrais na Europa simultaneamente para substituir as antigas e para responder ao crescimento da **procura de ponta** que não poderá ser satisfeita pelos desenvolvimentos das redes.*

[Tradução, pg. 51]

Apesar de se considerar que o público-alvo é informado e familiarizado com as questões abordadas e, por conseguinte, com o vocabulário usado no texto de partida, persiste a tendência que o tradutor tem em explicitar o texto de partida sempre que ache necessário. Por essa razão, no seguinte exemplo optou-se por recorrer à expansão para que a frase fosse mais clara ao leitor da língua de chegada. O sintagma verbal *tarifier au coût marginal* é composto por um predicativo e um complemento indirecto:

⁽⁶²⁾ *En heures pleines, où toutes les capacités de production sont mobilisées pour répondre à la demande, les firmes tarifient **au coût marginal** le plus élevé des technologies utilisées.* [Original, pg. 66]

Na tradução optou-se por explicitar o complemento directo *o preço de venda*, para que o leitor não possa interpretar de maneira diferente a intenção do autor.

⁽⁶¹⁾ *Em horas cheias, onde todas as capacidades de produção são mobilizadas para responder à procura, as firmas determinam o preço de venda como sendo igual ao custo marginal mais elevado das tecnologias utilizadas.*

[Tradução, pg. 56]

Poder-se-á dizer que se retira a liberdade do leitor a pensar por si próprio, no entanto, o tradutor foi fiel ao seu público-alvo e às intenções do autor.

E, finalmente, um último exemplo de expansão para ilustrar as escolhas que o tradutor tem de fazer para tornar o texto mais adequado ao público-alvo:

⁽⁷¹⁾ *Les exemples sont nombreux: Kashagan au Kazakhstan, l'offshore profond dans le Golf de Guinée, l'exploitation des sables bitumineux et autres pétroles non conventionnels au Canada et au Vénézuéla.*

[Original, pg. 76]

Neste caso, trata-se de uma forma francesa que não tem uma correspondência directa em português. Em francês, pode-se dizer *autres pétroles* apenas e subentender-se que se trata de outros tipos de petróleo. Em português é necessário acrescentar o substantivo quantificador de pluralidade qualitativa, *tipos*, para que se perceba a intenção do autor.

⁽⁷⁰⁾ *Os exemplos são muitos: Kashagan no Cazaquistão, a offshore profunda no Golfe da Guiné, a exploração das areias betuminosas e outros tipos de petróleos não convencionais no Canada e na Venezuela.*

[Tradução, pg. 63]

c- Metáforas

Por fim, no que diz respeito a estratégias semânticas, podem registar-se as mudanças no uso de expressões figurativas, como por exemplo as metáforas que não são idênticas de uma cultura para outra.

Assim, começa-se por exemplificar as metáforas mortas, por serem as que causam menos problemas de tradução e para as quais costumam existir equivalentes nas duas línguas. Para além disso, como se trata de um texto informativo de teor técnico, as metáforas são menos recorrentes do que se de um texto literário se tratasse.

O primeiro exemplo ocorre várias vezes ao longo do texto de partida, trata-se da expressão *en amont* que transmite uma ideia de posição mais elevada, de facto, a montante é equivalente de rio acima, ou seja, a ideia de subida encontra-se por se subir o rio:

Mettre tous les moyens possibles en amont pour limiter le réchauffement.

[Original, pg. 25]

Leurs caractéristiques dépendent du type de production en amont: si le vecteur est transportable et stockable, on peut exploiter des ressources lointaines et capter l'énergie à un rythme différent de la consommation.

[Original, pg. 49]

Em português existe a metáfora morta equivalente que emprega a mesma palavra e que exprime a mesma ideia de posição mais elevada, *a montante*, o que, de certo modo, facilita a opção de tradução:

Usar todos os meios possíveis a montante para limitar o aquecimento global.

[Tradução, pg. 21]

As suas características dependem do tipo de utilização final, mas sobretudo condicionam o tipo de produção a montante: se o vector é transportável e

armazenável, pode-se explorar recursos longínquos e captar a energia a um ritmo diferente do de consumo.

[Tradução, pg. 41]

A metáfora oposta, *en aval*, também é usada pelo autor, todavia com menos frequência:

*Enfin, l'effort d'innovation doit se faire **en aval** de la production e de la distribution pour améliorer l'efficacité énergétique de tous les appareils d'utilisation finale.*

[Original, pg. 76]

Assim como no exemplo anterior, existe uma expressão equivalente que traduz a mesma ideia, tratando-se desta vez de uma posição mais baixa. *A jusante* de um rio é o oposto da expressão anterior, *a montante*, logo significa rio abaixo. Tendo em conta que existe um equivalente directo da língua de partida para a língua de chegada, o tradutor pode recorrer a esse equivalente mais literal:

*Finalmente, o esforço de inovação deve ser feito **a jusante** da produção e da distribuição para aperfeiçoar a eficácia energética de todos os instrumentos de utilização final.*

[Tradução, pg. 63]

A tradução de uma metáfora não precisa necessariamente de pertencer à mesma área semântica. De facto, raras são as metáforas equivalentes em duas línguas. O principal é conseguir chegar ao referente, depois caso se trate de uma metáfora viva, tenta-se encontrar outra metáfora viva na língua de chegada, de modo a não perder a riqueza que esta traz ao texto de partida, já no caso de se tratar de uma metáfora morta, tenta-se substituir por outra metáfora morta equivalente ou nenhuma, já que isso não causa grande perda ao texto. Uma metáfora morta já perdeu o seu primeiro significado

e, conseqüentemente, toda a criatividade que esta poderia trazer ao texto, pelo que não se perderá muito ao desfazê-la.

No próximo exemplo, encontra-se uma metáfora morta introduzida pelo verbo *enclencher*, que significa começar, mas que ao mesmo tempo já está em andamento. O verbo *enclencher* constitui uma metáfora por vir da mecânica, de facto, o seu primeiro sentido referia-se a pôr em andamento um mecanismo de relojoaria:

En pratique, il faudra à la fois prendre des mesures pour limiter le réchauffement et pour s'y adapter sachant qu'il est d'ores et déjà enclenché.

[Original, pg. 26]

Tendo em conta que a metáfora não traz criatividade ao texto de partida, optou-se por recorrer a uma paráfrase explicativa de modo a guardar o sentido primeiro da metáfora, com a palavra *andamento* que também pode considerar-se uma metáfora morta por ter um sentido primeiro ligado à mecânica:

Na prática, será preciso tomar medidas para limitar o aquecimento, assim como para se adaptar, tendo em conta que o processo já está em andamento.

[Tradução, pg. 22]

Finalmente, o autor do texto de partida recorre a uma metáfora morta com o uso da palavra *seuil* que significa *limiar*:

La limitation du seuil d'émissions de NOx, substance à l'origine des pluies acides, a ainsi entraîné la réduction de l'utilisation de certaines centrales au charbon à quelques heures par an.

[Original, pg. 64]

No entanto, a palavra *limiar* que é o equivalente mais óbvio não pode ser usado nestas circunstâncias. De facto, o termo *limiar* em português funciona apenas para valores

mínimos. Neste caso, sendo o valor referido um valor máximo, terá de se empregar o termo *limite*, o que destrói a metáfora, mas preserva o sentido do texto de partida:

*A fixação do **limite** de emissões de NOx, substância que está na origem das chuvas ácidas, levou assim à redução da utilização de certas centrais a carvão para algumas horas por ano.*

[Tradução, pg. 54-55]

Tratando-se de um texto essencialmente técnico, no que diz respeito às metáforas vivas o mais importante é manter o sentido do texto de partida, no entanto, ao desfazer uma metáfora viva o texto torna-se menos rico e a tradução acaba por perder em relação ao texto de partida.

A primeira metáfora viva que ocorre no texto de partida encontra-se na expressão *chapeauté par l'Union*, o que significa que a União Europeia vigia e controla a governação, como se fosse um chapéu por cima da sua cabeça:

*Au-delà, une gouvernance multiniveaux, **chapeauté par l'Union**, doit être envisagée pour optimiser l'action des pouvoirs publics jouant un rôle capital pour l'orientation des initiatives industrielles, la définition d'un cadre réglementaire adéquat, la régulation du marché et la garantie des services publics.*

[Original, pg. 8]

É preciso ter em conta que apesar de se tratar de uma metáfora viva, esta é usada correntemente na língua francesa e não é fruto da criatividade do autor. Infelizmente, esta metáfora viva que se encontra no texto de partida não tem equivalente na língua portuguesa, pelo que se teve de recorrer a uma paráfrase para explicar o sentido, perdendo a originalidade do texto de partida:

Além disso, uma governação multinível, sob a égide da União, deve ser considerada para otimizar a acção dos Poderes Públicos, que tem um papel capital para a orientação das iniciativas industriais, a definição de um quadro regulamentar adequado, a regulação do mercado e a garantia dos serviços públicos.

[Tradução, pg. 5]

Este é um bom exemplo para ilustrar a metáfora da balança. De facto, neste caso a tradução sofreu uma perda desequilibrando os pratos do tradutor, que é a balança. Por outros processos, o tradutor deverá enriquecer o seu texto para compensar esta perda.

A próxima metáfora viva enquadra-se no campo lexical da rede enquanto tecido. Trata-se de um caso que difere dos anteriores, pois a metáfora é retomada criando um campo lexical. Em Francês esta figura de estilo chama-se *métaphore filée*:

*L'organisation du **tissu** industriel et la satisfaction de tous les consommateurs dépendent de la fiabilité et de la finesse de leur **maillage**. Seul un **réseau** bien développé est performant.*

[Original, pg. 50]

A metáfora consiste em considerar o parque industrial como um tecido em que tanto a sua organização como a satisfação dos consumidores dependem da sua malha, ou seja, se o tecido for fino e com uma malha estreita significa que há várias ligações entre cada fábrica produtora de energia e que a distância entre estas é pequena. A isso chama-se *modular a produção*, em vez de ter uma grande central a servir uma grande área, existem vários “módulos” de produção que alimentam áreas mais pequenas e que podem assim modificar a produção consoante as necessidades.

*A organização do **tecido** industrial e a satisfação de todos os consumidores dependem da sua fiabilidade e da densidade da **malha**. Apenas uma **rede** bem desenvolvida é eficaz.*

[Tradução, pg. 42]

Em português, conseguiu-se conservar a metáfora do tecido com o mesmo sentido que o autor do texto de partida lhe conferiu. Neste caso, ao contrário do anterior, pode dizer-se que o tradutor conseguiu equilibrar os pratos da balança, pois na frase que se segue à metáfora do tecido encontra-se a palavra *réseau* que em português é *rede* e que também se pode aplicar ao tecido, o que no francês não é possível. A tradução prolonga por mais um período a metáfora do tecido. Trata-se, efectivamente, de um ganho em relação ao texto de partida.

Por fim, também se constata que existem metáforas vivas equivalentes de uma língua para a outra, apesar de serem raras. É o caso do seguinte exemplo:

*[...] on observe qu'il faudra renouveler d'ici 2030 plus de la moitié du parc actuel pour maintenir les capacités de production, sans tenir compte de l'accroissement de la demande. **Ce constat est à double tranchant.***

[Original, pg. 56]

Esta metáfora existe tanto em francês como em português com o mesmo sentido. O que o autor exprime ao recorrer a esta metáfora é que o facto de ser necessário renovar mais de metade do parque de produção daqui a 2030 implica duas obrigações: a primeira é redefinir a sua constituição, enquanto que a outra é ter em conta o aumento da procura, que não pode deixar de fazer parte dos cálculos. *Uma faca de dois gumes* significa que se por um lado pode existir uma vantagem, esta vem acompanhada de uma obrigação.

*[...] observa-se que será preciso renovar até 2030 mais de metade do parque actual para manter as capacidades de produção, sem ter em conta o crescimento da procura. **Esta observação é uma faca de dois gumes.***

[Tradução, pg. 47]

O tradutor tem de fazer prova de maior criatividade ao traduzir figuras de estilo, como as metáforas. Com efeito, como se viu, é a oportunidade que tem de enriquecer o texto de chegada para compensar certas perdas. Nem sempre é bem-sucedido, mas outras vezes, para além de conseguir encontrar um equivalente na língua de chegada, consegue acrescentar algo mais ao texto de partida, sem nunca desrespeitar a intenção do autor, como é evidente.

3- Estratégias Pragmáticas

Estas estratégias inserem-se num grupo mais subjectivo, pois dizem respeito à selecção de informação em função do objectivo do texto de chegada.

a- Normalização

Segundo Chesterman, a estratégia mais comum é a normalização, também conhecida por naturalização ou adaptação. Trata-se de traduzir itens da cultura e da língua de partida de modo a inserirem-se nas normas da cultura e na língua de chegada. Mona Baker também define esta estratégia como sendo um modo de tornar o texto de chegada mais fluido e mais familiar ao proceder a certas adaptações.

Vanderauwera (1985) finds extensive evidence of shifts in punctuation, lexical choice, style, sentence structure and textual organization, all of which she considers as manifestations of a general ‘tendency towards textual conventionality’. [...] According to Vanderauwera, all these manipulations

[words adaptations, minimization of the transfer of the foreign language expressions found in the source text and punctuation shift] have the effect of creating a text which is more readable, more idiomatic, more familiar and more coherently organized than the original.

[...] Toury posits what he calls a law of growing standardization, which he believes governs translational behaviour.

[...] Toury suggests that factors such as age, extent of bilingualism, the knowledge and experience of the translator, as well as the status in translation within the target culture may influence the operation of the law.

[Laviosa-Braithwaite, 1997: 289-290]

Segundo Toury, outros factores como a idade, a experiência e o nível de bilinguismo influenciam o grau de normalização a que um tradutor recorrerá. De facto, um tradutor mais experiente e que conheça perfeitamente as duas línguas e culturas conseguirá tomar decisões mais correctas ao longo da tradução em função da sua primeira escolha: ser fiel ao autor ou ser fiel ao público-alvo. A normalização é dos processos mais importantes porque torna o texto de chegada mais “original”, no sentido em que se for bem sucedida a tradução, o leitor não notará que se trata na realidade de uma tradução. Como Chesterman diz, será como olhar através de uma janela com um vidro tão limpo que nem parece que a janela está fechada, sendo o vidro o tradutor que permite ao seu leitor ver a paisagem que é o texto de partida. Se o vidro estiver sujo, o olhar do leitor ficará retido na imperfeição, em vez de apreciar a paisagem em toda a sua plenitude.

No texto de partida, ao usar o termo *énergie-intensive* formado por justaposição, nota-se que o autor recorreu a um decalque da língua inglesa, *energy-intensive*:

*Enfin, si la tertiarisation de l'économie a entraîné une délocalisation des industries manufacturières et a diminué le besoin en énergie par acteur, le maintien de la consommation énergétique du secteur industriel s'explique par la permanence d'une industrie lourde **énergie-intensive**, comme la métallurgie ou les cimentiers.*

[Original, pg. 30]

O autor poderia ter usado uma forma mais usual em francês para tornar o texto mais fluido na língua em que escreveu, em vez de recorrer a um decalque do inglês. Por essa razão e para não voltar a cair no decalque do inglês, sendo o texto de partida francês, recorreu-se a um processo de normalização na tradução, de modo a manter intacto o sentido e através deste processo tornar mais fluida a leitura do texto na língua de chegada:

*Finalmente, se a terciarização da economia levou a uma deslocalização das indústrias transformadoras e diminuiu a necessidade de energia por actor, a manutenção do consumo energético do sector industrial explica-se pela permanência de uma indústria pesada **intensiva em energia**, como a metalurgia ou as cimenteiras.*

[Tradução, pg. 26]

Outro exemplo de decalque da língua inglesa ocorre na figura 6 da página 26 do texto de partida:

*<3% PIB mundial stabilisation à 445-535ppm **CO₂-eq***

*0,6% PIB mundial stabilisation à 535-590ppm **CO₂-eq***

[Original, pg. 26]

Com efeito, **CO₂ -eq** é uma abreviatura que significa *Carbon dioxide equivalents*, ou seja, equivalente em dióxido de carbono, trata-se de uma medida

internacionalmente reconhecida que expressa a quantidade de gases de efeito de estufa em termos equivalentes a uma quantidade de dióxido de carbono (CO₂).

O eq-CO₂ é usado para comparar as emissões de diversos gases de efeito estufa baseado na quantidade de dióxido de carbono que teria o mesmo potencial de aquecimento global, medido num dado período de tempo (geralmente 100 anos).

No primeiro quadro, o autor do texto de partida recorreu a um decalque do inglês.

Existindo o termo em português, optou-se por traduzir recorrendo a esse mesmo termo:

<3% PIB mundial estabilização a 445-535 ppm eq-CO₂

0,6% PIB mundial estabilização a 535-590 ppm eq-CO₂

[Tradução, pg. 22]

Já na figura 13, o mesmo termo ocorre em francês sem recorrer ao decalque da língua inglesa:

Milliards tonnes eq. CO₂

[Original, pg. 44]

Na tradução para a língua portuguesa, manteve-se o termo como havia ocorrido anteriormente:

Mil milhões de toneladas eq- CO₂

[Tradução, pg. 38]

Este é apenas mais um exemplo que, no seguimento do capítulo anterior, mostra por parte do autor uma falta de critério na redacção do texto.

No final da Introdução, o autor, Antoine Pellion, alerta o leitor que as questões que aborda são apenas o seu ponto de vista e não reflectem uma posição oficial por parte da União Europeia:

Les propos présentés ne sont pas l'expression d'une position officielle. Ils sont le constat de réflexions personnelles sur les questions européennes liées à l'énergie.

[Original, pg. 9]

As palavras em francês *constat de réflexion* não podem ser usadas deste modo, pois *constatar* significa estabelecer por observação ou experiência directa a verdade, ou seja verificar a veracidade de um facto. Ora, não se pode constatar algo a partir de uma reflexão, pois *reflectir* significa ponderar ou meditar, ou seja, trata-se de um pensamento sem provas concretas. De modo a tornar a tradução mais fluida, optou-se por substituir a palavra *constat* (constatação) por *resultado*. Pode-se considerar que este caso pertence tanto ao grupo das estratégias semânticas recorrendo ao uso de sinónimos, como ao das estratégias de normalização, por se tornar o texto mais correcto em português. A intenção do autor fica intacta e encontrou-se uma forma mais clara de exprimir a ideia do autor do texto de partida:

As opiniões apresentadas não são a expressão de uma posição oficial. São o resultado de reflexões pessoais sobre assuntos europeus ligados à energia.

[Tradução, pg. 6]

No próximo exemplo, tal como no anterior, existe um problema na língua francesa no que diz respeito a associações de duas palavras que não funcionam juntas:

*Cette menace doit davantage préoccuper les acteurs européens que la controverse insoluble sur le nombre **d'années disponibles** avant l'épuisement total des stocks.*

[Original, pg. 17]

Em francês, *années disponibles*, assim como em português, dizer *anos disponíveis* não está correcto. É preciso recorrer a um processo de normalização e tornar a oração mais

portuguesa. Passa-se então de um grupo nominal composto por um substantivo e um adjetivo para um substantivo seguido de uma relativa restritiva: *anos que restam*, o que torna a frase mais fluida na língua de chegada.

*Esta ameaça deve preocupar mais os actores europeus que a controvérsia insolúvel sobre o número de **anos que restam** antes do esgotamento total das reservas.*

[Tradução, pg. 14]

Neste caso, como no anterior, o tradutor adequou o texto ao público-alvo por privilegiar a língua de chegada, não traíndo, no entanto, o sentido do texto de partida. Estas pequenas alterações tornam o texto de chegada mais natural para o seu leitor. Recorrendo à metáfora da janela de Chesterman, pode dizer-se que estas estratégias de normalização tornam o vidro mais limpo, mais translúcido.

O próximo exemplo é um processo frequente na normalização, pois consiste em passar de um plural para um singular, por determinado termo se usar mais frequentemente no plural numa língua que noutra, apesar de haver um equivalente directo, este terá de ser no singular, de modo a naturalizar o mais possível o texto de chegada.

*Il est nécessaire d'installer un grand nombre de nouvelles centrales en Europe à la fois pour remplacer les anciennes et pour répondre à la croissance de la demande de pointe qui ne pourra être satisfaite par les développements des réseaux. Des impératifs très pragmatiques vont déterminer les modalités de **ces constructions**.*

[Original, pg. 60]

Como se pode ver no texto acima transcrito, *ces constructions* (estas construções) refere-se à construção das novas centrais que vêm substituir as antigas e responder às

novas exigências do mercado. Em português, pode-se generalizar, recorrendo ao uso do singular, porque, na realidade, trata-se de uma construção gigantesca a nível da Europa:

É preciso instalar um grande número de novas centrais na Europa simultaneamente para substituir as antigas e para responder ao crescimento da procura de ponta que não poderá ser satisfeita pelos desenvolvimentos das redes. Imperativos muito pragmáticos vão determinar as modalidades desta construção. [Tradução, pg. 51]

Em português, o termo no singular insere-se de maneira mais fluida na oração.

O processo de normalização, respeitando sempre as intenções e as estruturas do autor, é uma estratégia que, de certo modo, tende a pender para a fidelidade ao público-alvo, por tornar o texto de chegada mais natural possível. O objectivo principal ao recorrer a esta tática é fazer com que o leitor não repare que se trata de uma tradução, mas pense que se trate de um original redigido na sua própria língua.

b- Explicação e Implicação

A explicação torna mais perceptíveis certas informações que estão implícitas no texto de partida, mas que podem não ser percebidas pelo público-alvo por este não perceber ou não ter conhecimento da cultura da língua de partida. O processo contrário, a implicação, omite certas informações do texto de partida, porque o público-alvo pode não precisar dessa informação; por exemplo caso se trate de um parágrafo que fale sobre algo da cultura da língua de chegada que é desconhecido do público da língua de partida, mas que é do conhecimento geral do público-alvo.

The concept of explicitation was first introduced by Vinay and Darbelnet (1958), in whose glossary of translation techniques explicitation is defined as 'the process of introducing information into the target language which is present

only implicitly in the source language, but which can be derived from the context or the situation' (1958: 8; translated).

[KLAUDY, 1998: 80]

Como já se viu no ponto anterior das estratégias semânticas, a explicitação e a implicação estão incontestavelmente ligadas à expansão e à condensação. Por essa razão os exemplos que foram acima referidos também se inserem neste grupo de estratégias pragmáticas.

Na introdução, o autor refere-se a medidas tomadas a seguir ao Conselho Europeu de Março de 2007:

*Les Etats membres se sont, par la suite, engagés sur des objectifs chiffrés au Conseil européen de mars 2007 et de nouvelles mesures ont été définies **au mois de septembre dernier** pour accélérer leur mise en œuvre.*

[Original, pg. 7]

Como se pode ver, o autor do texto de partida recorre a um adverbial de localização temporal deíctico no que diz respeito ao mês de Setembro, entendendo-se *septembre dernier* como o mês de Setembro anterior ao da redacção do livro. Tendo em conta que o texto-fonte foi publicado em Janeiro de 2008 e que as medidas foram tomadas a seguir ao Conselho Europeu de Março de 2007. Trata-se, claramente, do mês de Setembro de 2007. Optou-se portanto por recorrer a um processo de explicitação através de uma datação absoluta:

Posteriormente, os Estados-Membros comprometeram-se relativamente aos objectivos avaliados no Conselho Europeu de Março 2007 e novas medidas foram definidas no mês de Setembro de 2007 para acelerar a sua implementação.

[Tradução, pg. 4]

O seguinte exemplo retrata bem os problemas que o tradutor tem ao deparar-se com ambiguidades provocadas por alguma construção menos clara do texto de partida:

Réduire l'impact environnemental: un choix de société européenne.

[Original, pg. 25]

O autor recorreu a uma expressão fixa do francês *choix de société*, que significa *escolha de um modelo social*, ou seja, trata-se de uma escolha importante a nível da sociedade.

O adjectivo *européenne* deveria encontrar-se no masculino, por se referir à escolha, em francês *choix*, uma palavra masculina. O tradutor recorreu tanto à estratégia de normalização ao tornar o texto mais correcto em português, como à estratégia de explicitação ao transmitir de forma mais precisa da intenção do autor:

Reduzir o impacto ambiental: escolha de um modelo social para a Europa.

[Tradução, pg. 21]

Outro problema com que o tradutor se deparou foi a tradução da nota de rodapé nº 37, com efeito, como se verá mais adiante, em português não existe nenhum termo específico que traduza o termo *non carbonée* em francês, ou *carbon free* em inglês. Por essa razão, o tradutor opta por usar uma paráfrase explicativa cada vez que o termo aparece, ou seja, *sem emissões de carbono*. No entanto, a nota 37 explica o que significam os termos *carbonées* e *non carbonées*:

Les énergies “carbonées” contiennent du carbone et émettent du CO₂ au cours de leur utilisation. C’est le cas par exemple du pétrole, mais aussi du gaz, du charbon ou encore de la biomasse. A l’inverse, les énergies “non carbonées” n’en contiennent pas.

[Original, pg. 47]

Para começar, o tradutor tentou optar por usar um termo que se encontra frequentemente nos sítios de ecologia na Internet, para se referir às energias não renováveis como a

biomassa ou o petróleo, *energias “sujas”*. Não se trata de um termo oficial, no entanto é um termo que reflecte esse conceito de emissor de CO₂, logo o de uma energia que polui o ambiente. E para o termo *carbonée*, optar por se recorrer ao empréstimo do termo inglês *carbon-free*, que é um termo corrente para o ambiente. Também se tentou manter pares opostos de palavras que pudessem expressar a ideia que os termos *carbonée/non-carbonée* transmite ao leitor da língua de partida. No entanto, usar os termos *energia “suja”* em oposição a *energias que recorrem a tecnologias limpas* não é viável porque estar-se-ia a considerar que a energia nuclear é “limpa” quando é alvo de muitas críticas por parte dos ambientalistas por ser muito poluente. Outra possibilidade considerada seria a de se referir às energias emissoras de CO₂ como *energias convencionais* e as energias que não emitem CO₂ como *energias alternativas*, no entanto, a biomassa é considerada uma *energia alternativa* e é emissora de CO₂.

No entanto, nenhuma solução é satisfatória porque o facto de não existir nenhum termo específico como é o caso em francês, elimina o propósito dessa nota. Com efeito, ao explicitar o termo, o tradutor já está a dar a informação que o autor considerou necessária exprimir numa nota de rodapé. Desse modo, já não fazendo sentido manter-se a nota explicativa, optou-se por recorrer a uma processo de implicitação e eliminar a nota do autor.

c- Outras Estratégias Pragmáticas

Chesterman refere-se a mais algumas estratégias pragmáticas a que não foi preciso recorrer durante a tradução por se tratar de um texto informativo e técnico, que não dá liberdade ao tradutor para poder recorrer a esse tipo de alterações.

Para começar, existem as mudanças interpessoais que dizem respeito a alterações que afectam a formalidade ou os níveis de emotividade e envolvimento.

Depois, as mudanças ilocutórias que se referem a alterações de discurso, nomeadamente à mudança do verbo no modo infinitivo para o imperativo, ou à alteração de perguntas retóricas para exclamações, ou ainda a mudanças do discurso directo para o indirecto. Além disso, existem as mudanças de coerência que dizem respeito à distribuição da informação no texto. E ainda, a tradução parcial que abrange qualquer tipo de tradução parcial, nomeadamente a transcrição ou o sumário. Neste caso poder-se-á dizer que existe uma tradução parcial do sumário, mas apenas no sentido em que se traduziu a versão francesa do sumário e se manteve a versão inglesa.

E, por fim, as mudanças visíveis como por exemplo quando o tradutor recorre a notas de rodapé. Não foi necessário recorrer a notas do tradutor por se considerar que o leitor é um cidadão informado e que está familiarizado com o tipo de vocabulário usado no texto. Além disso, acrescentar notas do tradutor às notas originais do autor poderia trazer alguma confusão ao leitor do texto de chegada, tornando a leitura menos continua.

Todos estes processos tradutológicos tornam o tradutor visível aos olhos do leitor. Tendo em conta que se tomou a decisão de traduzir em adequação, pretende-se tornar o texto mais parecido com um “original” da língua de chegada. Logo, supõe-se que o tradutor é um agente invisível, deixando o vidro totalmente transparente, para que o leitor não se aperceba que se trata de uma tradução e leia de maneira mais fluida o texto de chegada. As estratégias pragmáticas acima referidas neste último ponto, por tornarem o tradutor uma presença incontornável, tornam-se pouco úteis ao objectivo a que o tradutor se propôs. É também por essa razão que não se recorreu a elas.

4- Outros Problemas

Repara-se que existe um problema ao traduzir do francês a combinação do condicional com os verbos modais. Com efeito, o verbo *devoir* ou *pouvoir* no condicional exprimem uma ideia de probabilidade, trata-se da modalidade epistémica, como se pode ver na frase seguinte:

*Cette contrainte, qui fragmente pour l'heure les marchés mondiaux et renforce la dépendance européenne vis-à-vis du gaz russe, **devrait** progressivement s'estomper avec le développement du GNL.*

[Original, pg. 22]

Entende-se por esta frase ser provável que a restrição vai progressivamente atenuar-se, usar-se-á o verbo dever no futuro modal em português que exprime a probabilidade:

*Esta restrição, que fragmenta por enquanto os mercados mundiais e reforçavam a dependência europeia em relação ao gás russo, **deverá** progressivamente apagar-se com o desenvolvimento do GNL.*

[Tradução, pg. 19]

Se fosse traduzido por *deveria*, no condicional do indicativo, teria uma leitura diferente, porque se assumiria para além da probabilidade que algo seria desejável, trata-se do valor deôntico do verbo *dever*.

Em francês é recorrente usar-se o pronome *y* que, geralmente, substitui um nome de lugar:

Le sondage (Figure 12) illustre une acceptation croissante d'une gouvernance multi niveaux par les citoyens européens.

L'Union européenne y est désignée comme un acteur majeur. Si elle semble pertinente, de par sa taille et sa structure, pour répondre aux défis énergétiques

et climatiques, ses prérogatives sont, pour l'heure, limitées et elle doit tenir compte des divergences de ses États membres.

[Original, pg. 36]

Neste caso, na frase anterior o autor referiu-se a uma sondagem e é nesta que a União Europeia é designada como actor maior. Em português, o mais correcto será retomar o sítio em que essa afirmação foi encontrada através de uma anáfora nominal fiel, ou seja, *sondagem*, pois não existe nenhum pronome que seja equivalente a *y* em português:

Nesta sondagem, a União Europeia é designada como um actor maior. Apesar de parecer ser pertinente, graças ao seu tamanho e estrutura, para responder aos desafios energéticos e climáticos, as suas prerrogativas são, por enquanto, limitadas e deve ter em conta as divergências dos seus Estados-Membros.

[Tradução, pg. 31]

Cada língua tem a sua particularidade, os problemas principais encontrados são a nível do termo. O tradutor depara-se mais frequentemente com problemas ligados à tradução de um termo específico do que mais propriamente no nível de uma frase ou do texto em si. Com efeito, é mais fácil ultrapassar obstáculos no que diz respeito a uma frase, por se poder recorrer a várias estratégias que ao alterar certos aspectos, tais como a ordem frásica, tendo apenas o cuidado de manter o sentido que o autor conferiu à frase. No entanto, a maior parte das estratégias analisadas são usadas para solucionar problemas no nível do termo. O uso de sinónimos, a normalização e até mesmo a explicitação que são as estratégias mais recorrentes destinam-se a esse fim, encontrar uma solução quando o termo não pode ser traduzido de forma literal por não guardar o mesmo sentido que lhe foi conferido no texto-fonte.

III Estratégias de Busca

A- Tradução de Termos Técnicos

Nesta parte, pretende-se analisar os problemas ligados à procura de termos específicos equivalentes da língua de partida para a língua de chegada. Pode-se considerar que esta parte está ligada às estratégias globais textuais de busca, acima mencionadas e a que Chesterman se refere. Nem sempre é evidente traduzir termos específicos, sobretudo quando o tradutor se depara com dois termos concorrentes, ou apenas uma pequena alteração entre dois termos, como por exemplo duas preposições distintas que podem marcar a diferença. Analisar-se-ão vários exemplos que reflectem este problema ligado ao uso correcto de termos específicos, neste caso da área do ambiente.

No mundo do petróleo existem cinco gigantes petrolíferas multinacionais que dominam esse mercado. Tratam-se das *majors petrolíferas*. Duas grandes companhias, que também são as mais antigas, foram criadas nos finais do século XIX. Estas são a companhia anglo-neerlandesa Royal Dutch/Shell e a companhia americana Standard Oil. Em 1911, a última assinou a famosa lei antitrust e dividiu-se em três. Nessa altura contam-se oito *majors petrolíferas*, a companhia francesa CFP (Compagnie française des Pétroles, futura Total) e as outras sete que eram chamadas *seven sisters* (sete irmãs): Exxon, Socal (futura Chevron), Mobil, Texaco, Gulf, BP (herdeira da AIOC, Anglo-Iranian Oil Company) e Shell. Em 1984, começa uma onda de fusões iniciada com a fusão da companhia Gulf com a Chevron. Em 1990, esta fase culmina com as fusões que vão dar origem aos cinco gigantes que ainda hoje dominam o mercado, nomeadamente a Exxon com a Mobil, trazendo de volta a Standard Oil, a Royal Dutch/Shell, a única que nunca fusionou, a BP com a Amoco, hoje em dia conhecida

apenas por BP, a Chevron com a Texaco e, finalmente, a TotalFinaElf fusionando essas três companhias na que é ,hoje em dia, apenas conhecida por Total.

No texto de partida, o autor faz referência a essas *majors petrolíferas*:

Par ailleurs, l'approvisionnement dépend également du pouvoir de négociation des acteurs privés et, en particulier, des majors pétroliers.

[Original, pg. 23]

⁽⁷¹⁾ *Les intérêts européens sont représentés grâce au savoir-faire techniques des majors pétroliers*

[Original, pg. 76]

Tendo em conta que *Majors pétroliers* é um termo que engloba as cinco maiores petrolíferas multinacionais do mundo, um tradutor pouco informado poderia ter pensado que se tratava de um anglicismo que significava mais vagamente *as maiores petrolíferas*. No entanto, percebe-se que o termo *majors* ligado a *petrolíferas* designa algo extremamente preciso, desse modo é necessário recorrer ao anglicismo *majors*. Tratando-se de um termo específico que é usado recorrentemente pelos *medias*, a escolha do tradutor era mais fácil. Repara-se, também, que se tratando de um anglicismo, *majors* encontra-se em itálico para o destacar do resto do texto:

Por outro lado, o aprovisionamento depende igualmente do poder de negociação dos actores privados e, principalmente, das majors petrolíferas.

[Tradução, pg. 19]

⁽⁷¹⁾ *Os interesses europeus são representados graças ao know-how técnico das majors petrolíferas.*

[Tradução, pg. 63]

No próximo exemplo, nota-se que a primeira ocorrência do termo *majors* surge sem estar ligada ao termo *petrolíferas*:

*La concurrence et la collaboration entre des grands acteurs industriels, comme les pétroliers Shell ,BP, Total, ENI, les équipementiers Siemens, Alstom, ABB, Areva, permettent de développer leurs savoir-faire. Les joint-ventures sont d'ailleurs de plus en plus courantes pour surmonter des défis technologiques communs et mettre en synergies les valeurs ajoutées. Cependant, ces **majors** ne sont que la partie émergée de l'iceberg. [...]Les **majors pétroliers** travaillent ainsi avec les bureaux d'étude et d'ingénierie comme Technip, Saipem (filiale d'ENI) ou les entreprises de prospection, comme la Compagnie Générale de Géophysique (CGG).*

[Original, pg. 31]

Ao ler com atenção o princípio do parágrafo nota-se que o autor se refere a uma companhia que não faz parte das cinco *majors* acima referidas. Pode-se dizer que neste caso, o autor se refere a grandes companhias multinacionais, é por isso que se optou por traduzir o termo por *gigantes*:

*A concorrência e a colaboração entre os grandes actores industriais, como as petrolíferas Shell, BP, Total, ENI, os equipamentos Siemens, Alstom, ABB, Areva, permitem desenvolver o seu know-how. Aliás as joint-ventures são cada vez mais usuais para ultrapassar desafios tecnológicos comuns e pôr em sinergia os seus valores acrescentados. No entanto, estes **gigantes** são apenas a ponta visível do iceberg. [...] Assim, as **majors petrolíferas** trabalham com o gabinete de estudo e de engenharia como Technip, Saipem (filial d'ENI) ou as empresas de prospecção como a Companhia Geral de Geofísica (CGG).*

[Tradução, pg. 27]

Ao longo do texto é recorrente o termo *gaz à effet de serre*, como se pode ver nos seguintes exemplos:

⁽²¹⁾*Les émissions anthropiques de gaz à effet de serre comme le CO2 ont vraisemblablement provoqué l'un des réchauffements climatiques les plus rapides de l'histoire terrestre.*

[Original, pg. 24]

La réduction des émissions de gaz à effet de serre nécessite, par exemple, une profonde modification du parc de production d'énergie, essentiellement fossile, et la mise aux normes de nombreuses installations.

[Original, pg. 38]

La réduction des émissions de gaz à effet de serre d'au moins 20% d'ici 2020 par rapport à 1990

[Original, pg. 42]

Tout en privilégiant le développement des technologies non émettrices de gaz à effet de serre, afin de les rendre plus compétitives et efficaces, la recherche appliquée ne doit pas négliger les centrales en exploitation.

[Original, pg. 75]

Em português, nota-se que o termo equivalente que se encontra com mais frequência para traduzir *gaz à effet de serre* é o termo *gás com efeito de estufa*, no entanto surge um desacordo em relação a isso, pois pode-se encontrar em vários sítios *gás de efeito de estufa*. Deste modo, no Google, nas páginas de Portugal, existem 18800 ocorrências com a preposição *de*, contra 55900 ocorrências com a preposição *com*. Para além disso, tanto no Iate como no Eur-lex, bases de dados terminológicas criadas a partir de textos europeus multilingues, o termo aparece com a preposição *com*. No entanto, no *Prontuário Ortográfico da Guia da Língua Portuguesa*, de M. Bergtröm e Neves Reis, num capítulo dedicado ao vocabulário sobre o ambiente pode-se ler o seguinte: *efeito de estufa – retenção do calor da Terra pelos gases existentes na*

atmosfera que funcionam como o vidro ou plástico de estufa. A estes gases dá-se o nome de «gases de efeito de estufa».

Tendo em conta que se trata de um texto emitido pela fundação Robert Schuman, fundação que tem como função promover as políticas da União Europeia, o tradutor poderia ter optado por se reger pelo termo que ocorre nos sítios para tradutores dos órgãos da União Europeia, nomeadamente o Iate e o Eur-lex, ou seja, *gases com efeito de estufa*. Porém, como diz Umberto Eco é preciso desconfiar dos dicionários, neste caso, das bases de dados de tradução que também são feitas por tradutores que talvez não tenham tido o cuidado de fazer um trabalho de busca aprofundado. É por essa razão que, se o tradutor tiver a possibilidade de recorrer a um especialista na área que está a traduzir, deve utilizar todos os meios ao seu alcance¹. Recorrendo a esses meios, mais do que à Internet, assim como ao *Prontuário ortográfico*, que é, na verdade, uma fonte mais fiável, estabeleceu-se que o termo mais frequente na área da engenharia do ambiente era *gases de efeito de estufa*, com a preposição *de*:

⁽²¹⁾*As emissões antropogénicas de gás de efeito de estufa como o CO₂ parecem ter provocado um dos aquecimentos globais mais rápidos da história terrestre.*

[Tradução, pg. 21]

A redução de emissões de gás de efeito de estufa requer, por exemplo, uma profunda modificação do parque de produção de energia, essencialmente fóssil, e uma adaptação às normas das várias instalações.

[Tradução, pg. 33]

A redução das emissões de gás de efeito de estufa de pelo menos 20% daqui a 2020 em relação a 1990

[Tradução, pg. 36]

¹ Para resolver este problema, recorreu-se a um especialista formado em engenharia do ambiente, Eng^o Ricardo Gomes.

Embora privilegiando o desenvolvimento das tecnologias não emissoras de gás de efeito de estufa, para as tornar mais competitivas e eficazes, a investigação aplicada não deve negligenciar as centrais em exploração.

[Tradução, pg. 62]

No texto de partida, quando o autor recorre ao termo *habitat*, para referir o crescente valor de consumo doméstico da energia, o tradutor poderia não ter percebido a ligação e ter decalcado o termo francês, ao que se chama um *false friend*. No entanto, em português, quando se usa o termo *habitat*, que vem do latim, refere-se a um conceito usado na ecologia, que inclui o físico e os factores abióticos, ou seja, todas as influências que os seres vivos possam receber num dado ecossistema, assim como outros factores que condicionam um ecossistema. Por essa via, determinam a distribuição das populações de uma dada comunidade. Este conceito é, em geral, usado para se referir a uma ou mais espécies, no sentido de estabelecer os locais e as condições ambientais onde o estabelecimento de populações desses organismos é viável. Como se pode ver pelo próximo exemplo, não se trata do *habitat* nesse sentido:

L'analyse de la répartition par secteur de la consommation énergétique européenne (Figure 7) fait ressortir la part croissante de l'habitat et des services ainsi qu'une relative stabilité du secteur industriel et des transports.

[Original, pg. 27]

Com efeito, ao ver a figura 7, também se percebe que *habitat* pode apenas fazer referência ao consumo doméstico em oposição à indústria e ao transporte.

A análise da repartição por sectores de consumo energético europeu (Figura 7) faz sobressair a parte crescente do consumo doméstico e dos serviços, assim como uma relativa estabilidade do sector industrial e dos transportes.

[Tradução, pg. 23]

No entanto, a tradução do termo *habitat* não é regular, no sentido em que, em determinados contextos, se trata de uma referência mais vaga, ou seja, traduzir-se-á por *sector doméstico*, como se pode ver nos seguintes exemplos:

*L'accroissement de l'**habitat** (Figure 7) s'explique également par le vieillissement du parc immobilier.*

[Original, pg. 28]

*Cette augmentation de l'**habitat** et des services reflète, en partie, une plus grande utilisation de l'électricité sur laquelle repose notre société de l'information numérique.*

[Original, pg. 28]

*O aumento do consumo do **sector doméstico** (Figura 7) também se explica pelo envelhecimento do parque imobiliário.*

[Tradução, pg. 24]

*Este aumento do **sector doméstico** e dos serviços reflecte, em parte, uma maior utilização da electricidade da qual depende toda a nossa sociedade de informação numérica.*

[Tradução, pg. 24]

Desde o início do texto, o autor refere-se a um termo que explica mais tarde, trata-se de *approvisionnement*. No entanto, antes de ser explicado ele surge frequentemente, como se pode ver no seguinte exemplo :

*Sous la pression de l'impératif d'agir, nos sociétés doivent désormais essayer de concilier des objectifs potentiellement contradictoires : préserver l'environnement et la sécurité **d'approvisionnement** tout en ne dégradant pas le bien-être de chacun et la compétitivité de l'économie.*

[Original, pg. 6]

*Hoje em dia, sob a pressão do imperativo de agir, as nossas sociedades têm de tentar conciliar objectivos potencialmente contraditórios: preservar o ambiente e a segurança de **aprovisionamento** sem degradar a economia, o bem-estar de cada um e a competitividade da economia.*

[Tradução, pg. 4]

Como se pode ver, optou-se pelo termo equivalente *approvisionnement*. Com efeito, o termo *approvisionnement* consiste numa técnica ou método que permite entregar um bem, ou uma necessidade a terceiros. Distinguem-se dois fluxos diferentes, o físico que diz respeito ao encaminhamento da mercadoria e a parte administrativa, ou seja, o envio e recepção de dados. Em português, existe um termo equivalente, como já foi referido, *aprovisionamento*, que é também a tradução do termo inglês *procurement*. Este termo abrange vários aspectos na relação entre fornecedores e um conjunto de actos administrativos, nomeadamente a administração e negociação, assim como o abastecimento da empresa logística. O termo *abastecimento* tem a ver com matérias-primas, componentes de produção sobressalentes, produtos acabados e semi-acabados, linhas de montagem e armazéns. O *aprovisionamento* gere todo o circuito entre a empresa e o fornecedor, assim como os produtos a adquirir, estando este conceito ligado com a logística de entrada. Por outro lado, o termo também difere de *aquisição* porque vai mais longe do que a *aquisição* em si, tem por trás uma estratégia e escolhas de fornecimento. O próximo excerto explica exactamente a particularidade do termo *aprovisionamento*:

*Le terme **d'approvisionnement** est souvent employé pour désigner une ou plusieurs étapes du processus permettant d'acheminer l'énergie, initialement sous forme naturelle, au consommateur final (Figure 1). Or il désigne bel et bien*

l'ensemble de cette chaîne énergétique globale, dont toutes les phases sont essentielles dans l'analyse des déterminants de la sécurité énergétique.

[Original, pg. 15]

*O termo **aprovisionamento** é frequentemente usado para designar uma ou várias etapas do processo que permite o encaminhamento de energia, inicialmente sob forma natural, até ao consumidor final (Figura 1). Porém, designa na realidade o conjunto desta cadeia energética global, da qual todas as fases são essenciais na análise dos determinadores da segurança energética.*

[Tradução, pg. 11]

A determinada altura do texto, o autor refere-se a tecnologias a carvão, estas são por exemplo as centrais eléctricas que funcionam a carvão, ou outras tecnologias que recorrem ao carvão como combustível. São tecnologias bastante poluentes. O problema que se põe não é o de encontrar um equivalente, por este ser bastante literal. O problema que o tradutor tem é o de decidir se a preposição é *a* ou *de*, uma vez que se encontram as duas grafias nos motores de busca.

*Les **technologies au charbon** sont aussi perçues différemment selon les États et l'éolien rencontre parfois localement une opposition vigoureuse.*

[Original, pg. 35]

Mais uma vez na Internet, mais precisamente nas páginas de Portugal do Google, encontram-se as duas ocorrências com a mesma frequência deixando o tradutor no mesmo impasse. Para além disso, nem no Eur-Lex nem no IATE, sítios já referidos, se encontram referências a essa expressão. É por isso que, uma vez mais, se teve de recorrer a um especialista:

As **tecnologias a carvão** são também percebidas de maneira diferente consoante os Estados e a energia eólica encontra por vezes localmente uma oposição vigorosa.

[Tradução, pg. 30]

No contexto das energias renováveis a expressão *Carbon free* em inglês, refere-se normalmente a energias que não libertam carbono para a atmosfera, ou seja, energias sem emissão de carbono. Em francês, o termo é *énergies non carbonées*:

*Cette évaluation peut donc se faire aux dépens **des énergies non carbonées**. Or, l'enjeu énergétique implique aussi de limiter les émissions de CO₂, et donc de réduire la consommation **d'énergie carbonée**.*

[Original, pg. 41-42]

No que diz respeito ao termo contrário, *énergie carbonée*, em português traduz-se pela paráfrase *energias com emissões de carbono*:

*Esta avaliação pode portanto fazer-se às custas **das energias sem carbono**. Ora, o desafio energético implica também limitar as emissões de CO₂ e portanto reduzir o consumo de **energia com emissão de carbono**.*

[Tradução, pg. 35]

*Déterminer un objectif d'énergies renouvelables ou d'énergies **non carbonées** ?*

[Original, pg. 43]

*Determinar um objectivo de energias renováveis ou de **energias sem emissão de carbono** ?*

[Tradução, pg. 36]

*Elle exclut volontairement de cette relance, les autres **énergies non carbonées**, comme les centrales à charbon avec capture et stockage de CO₂ et le nucléaire.*

[Original, pg. 43]

*Exclui voluntariamente desta iniciativa, as outras **energias sem emissões de carbono**, assim como as centrais a carvão com captura e armazenamento de CO₂ e a energia nuclear.*

[Tradução, pg. 36-37]

*Comme les approvisionnements en hydrocarbures et en gaz naturel demeurent incertains sur le moyen terme, leur substitution par d'autres formes **d'énergie non carbonée**⁽³⁷⁾ semble l'option la plus efficace.*

[Original, pg. 47]

*Como os aprovisionamentos em hidrocarbonetos e em gás natural continuam incertos a meio prazo, a sua substituição por outras formas de **energia sem emissões de carbono** parece ser a opção mais eficaz.*

[Tradução, pg. 39]

A dada altura, o autor do texto de partida refere-se a dois termos bastante semelhantes no que diz respeito a extrair da atmosfera as emissões de CO₂. Trata-se dos termos *capture et stockage de CO₂* e *capture et sequestration de CO₂*.

A expressão *captura e armazenamento de CO₂* é constituída por dois termos que ocorrem, geralmente, associados, por se referirem a um processo integrado. Na realidade, trata-se de um processo de separação e recolha de CO₂ em fontes pontuais importantes, com o objectivo de o armazenar a longo prazo, nomeadamente em estruturas geológicas adequadas, de modo a diminuir a concentração de CO₂ na atmosfera e, por conseguinte, os seus efeitos negativos sobre o clima. Este processo é artificial e muito controverso, pois para armazenar o CO₂ que foi capturado, de modo artificial, é preciso encontrar um espaço com um volume equivalente debaixo de terra. Os próximos exemplos ilustram a maneira como os dois termos aparecem sempre em conjunto:

*Elle exclut volontairement de cette relance, les autres énergies non carbonées, comme les centrales à charbon avec **capture et stockage de CO₂** et le nucléaire.*

[Original, pg. 43]

*Exclui voluntariamente desta iniciativa, as outras energias sem emissões de carbono, assim como as centrais a carvão **com captura e armazenamento de CO₂** e energia nuclear.*

[Tradução, pg. 36-37]

Si ce besoin de renouvellement donne l'opportunité de modifier la structure du parc existant et de mettre en place des technologies non émettrices de CO₂ tenant compte de la limitation des ressources, comme les énergies renouvelables, le charbon propre ⁽⁵¹⁾ ou le nucléaire, il constitue un véritable défi de mise en oeuvre et nécessite une mobilisation immédiate de tous les acteurs.

⁽⁵¹⁾*Avec **capture et stockage de CO₂**.*

[Original, pg. 56]

Se esta necessidade de renovação oferece a oportunidade de modificar a estrutura do parque existente e de implementar tecnologias não emissoras de CO₂, tendo em conta a limitação dos recursos, como as energias renováveis, o carvão limpo⁽⁵¹⁾ ou a energia nuclear, constitui um verdadeiro desafio de constituição e requer uma mobilização imediata de todos os actores.

⁽⁵¹⁾*Com **captura e armazenamento de CO₂***

[Tradução, pg. 47-48]

*Cependant, le développement des procédés de **capture et stockage de CO₂**, encore au stade de démonstration, permettent réellement de réduire la pollution*

induite et d'en faire une technologie tout à fait acceptable dans le cadre des engagements européens sur le réchauffement climatique.

[Original, pg. 70]

*No entanto, o desenvolvimento dos processos de **captura e armazenamento de CO₂**, ainda numa fase de demonstração, permitem realmente reduzir a poluição induzida e fazer do carvão limpo uma tecnologia perfeitamente aceitável no âmbito dos compromissos europeus em matéria de aquecimento global.*

[Tradução, pg. 59-60]

*Pour ce qui est du charbon, les technologies de **capture et de stockage** ne seront pas opérationnelles avant 2020 et les centrales, actuellement en construction dites "propres", ont considérablement réduit leurs rejets mais émettent toujours autant de CO₂. Si les efforts de R&D sont suffisants, ce ne sera plus le cas en 2030 et la panoplie des technologies disponibles sera plus large.*

[Original, pg. 71-72]

*No que diz respeito ao carvão, as tecnologias de **captura e de armazenamento** não estarão operacionais antes de 2020 e as centrais, actualmente em construção ditas "limpas", reduziram consideravelmente os seus resíduos, mas emitem sempre algum CO₂. Se os esforços de I&D forem suficientes, já não será o caso em 2030 e o leque de tecnologias disponíveis será mais alargado.*

[Tradução, pg. 61]

*Il est ainsi étonnant de constater que seules cinq compagnies européennes développent **la capture et le stockage de CO₂**, technologie déterminante pour l'utilisation du charbon dans les prochaines décennies.*

[Original, pg. 77]

*É assim surpreendente constatar que apenas cinco empresas europeias desenvolvem a **captura e o armazenamento de CO₂**, tecnologia determinante para a utilização do carvão nas próximas décadas.*

[Tradução, pg. 64]

Já a expressão *sequestro de CO₂* é semelhante à *captura de CO₂*. No entanto, *sequestro de CO₂* é um processo natural de retirar o *CO₂* da atmosfera. Consiste em recorrer a florestas e aos oceanos, que tornam a atmosfera mais limpa. Nas florestas, as plantas realizam fotossíntese sequestrando o carbono na matéria vegetal e libertando oxigénio. No caso dos oceanos, dá-se a dissolução do *CO₂* na água.

Na frase seguinte, o autor refere-se a esses dois processos, natural e artificial, de extrair o *CO₂* da atmosfera:

Com efeito, a expressão *capture et sequestration du CO₂* ocorre apenas uma vez:

*Le développement des technologies de **capture et de séquestration du CO₂** au cours de la production d'énergie.*

[Original, pg. 46]

*O desenvolvimento das tecnologias de **captura e do sequestro do CO₂** ao longo da produção energia.*

[Tradução, pg. 39]

Outro termo bastante recorrente, como se pode ver com os próximos exemplos, ao longo do texto de Antoine Pellion é *bouquet énergétique* que representa as opções energéticas existentes:

*Celle-ci varie considérablement de 14% à 100% (hors Danemark) selon l'importance des ressources naturelles nationales, le **bouquet énergétique** choisi et les modes de consommation.*

[Original, pg. 33]

*S'il est incontestable que la diversité du **bouquet énergétique** est un impératif tant pour diversifier l'approvisionnement que pour répondre efficacement à la demande, à quelles échéances seront disponibles les technologies prometteuses?*

[Original, pg. 71]

*3.2 Le rôle essentiel des aides publiques pour faire évoluer le **bouquet énergétique**.*

[Original, pg. 77]

*Cet aspect de la politique industrielle est donc primordial pour assurer la pérennité de certaines technologies et infléchir le **bouquet énergétique** vers un parc plus efficace et moins émetteur.*

[Original, pg. 80]

Em português, o termo não pode ser traduzido literalmente. Uma vez mais, o tradutor depara-se com um problema de procura que terá de ser resolvido por uma pesquisa mais aprofundada. Recorrendo à base de dados terminológicas para tradutores da União Europeia, IATE, e a sítios relacionados com o ambiente, nomeadamente o Livro Verde intitulado *Estratégias Europeias para um Desenvolvimento Sustentável, Competitiva e Segura*, ao qual o autor também faz referência na introdução do texto, ocorre o termo *cabaz energético* que é equivalente ao termo francês *bouquet énergétique*. Optou-se então pelo termo encontrado e não recorrer a uma solução como *opções energética*:

*Esta varia consideravelmente de 14% a 100% (excepto a Dinamarca) segundo a importância de recursos naturais nacionais, o **cabaz energético** escolhido e os modos de consumo.*

[Tradução, pg. 28]

*Se é incontestável que a diversidade do **cabaz energético** é um imperativo tanto para diversificar o aprovisionamento como para responder eficazmente à procura, daqui a quanto tempo estarão disponíveis as tecnologias promissoras?*

[Tradução, pg. 60]

3.2 O papel essencial das ajudas públicas para fazer evoluir o cabaz energético.

[Tradução, pg. 65]

*Este aspecto da política industrial é portanto primordial para assegurar a perenidade de certas tecnologias e inflectir o **cabaz energético** de modo a conseguir um parque mais eficaz e com menos emissões.*

[Tradução, pg. 67]

Hoje em dia, os Estados tentam incentivar os particulares a investir em energias renováveis. Em francês esse incentivo é conhecido como *tarifs de rachats*, ou seja, volta-se a comprar a energia não usada por um particular de modo a que esta não se perca, pois, como é referido no texto, é difícil armazenar energia eléctrica.

*Plusieurs dispositifs d'aide publique et d'incitation comme **les tarifs de rachat** ou les crédits d'impôts, coexistent dans les Etats membres*

[Original, pg. 78]

Em português, o termo que se usa para designar esse incentivo é *tarifas de alimentação*. Trata-se exactamente do mesmo conceito, o Estado compra a energia produzida a mais, por exemplo se um indivíduo instalar um painel solar fotovoltaico em sua casa, a energia produzida que não for usada pelo próprio será comprada pelo Estado, de modo a não desperdiçar energia e ao mesmo tempo incentivar os cidadãos a investirem em energias renováveis particulares:

Vários dispositivos de ajuda pública e de incentivo como as tarifas de alimentação ou os créditos de impostos, coexistem nos Estados-Membros.

[Tradução, pg 65]

Outro termo específico que deu algum problema para traduzir é *infléchir*, como se pode ler na seguinte frase:

*Cet aspect de la politique industrielle est donc primordial pour assurer la pérennité de certaines technologies et **infléchir** le bouquet énergétique vers un parc plus efficace et moins émetteur.*

[Original, pg. 80]

Entende-se por *infléchir* a modificação das proporções de algo, ou seja, altera-se de maneira subtil a constituição do cabaz energético de modo a ter um parque energético com menos emissões de CO₂ e também mais eficaz. Em português, existindo um termo idêntico, o tradutor teve de assegurar-se que não caía na literalidade e confiava num *false friend*. Após uma pesquisa, nota-se que o termo *inflectir* tem a mesma acepção que o termo em francês, pelo que o tradutor pôde recorrer a ele de maneira correcta:

*Este aspecto da política industrial é portanto primordial para assegurar a perenidade de certas tecnologias e **inflectir** o cabaz energético para conseguir um parque mais eficaz e com menos emissões.*

[Tradução, pg. 67]

Por fim, um termo que também surge com alguma frequência e é um termo específico ligado ao petróleo, é o de *réserves prouvées*. Consiste nas quantidades de hidrocarbonetos que, segundo as informações geológicas e técnicas disponíveis, têm uma forte probabilidade (> 90%) de ser recuperadas no futuro, a partir de jazigos conhecidos e nas condições técnico-económicas existentes. Portanto, esta estimativa é continuamente reavaliada em função de novas descobertas e do melhoramento da

recuperação dos campos existentes². O autor do texto de partida explica exactamente o mesmo na nota de rodapé nº 17, no entanto, ocorre apenas na penúltima vez em que se refere ao termo:

*Comme le montre la figure 4, 82% des **réserves prouvées** restantes sont dans les mains de 10 pays (soit 21% des producteurs⁽¹³⁾)*

[Original, pg. 19]

*Figure 4 : Répartition entre les principaux pays producteurs des **réserves prouvées**⁽¹⁷⁾ d'hydrocarbures en 2004*

[Original, pg. 20]

⁽¹⁷⁾*Les **réserves prouvées** désignent les volumes de pétrole à extraire avec les techniques actuelles et dans les conditions économiques courantes avec une probabilité supérieure à 90%. [10].*

Cette notion se distingue des ressources, données géologiques qui mesurent la quantité de pétrole présente dans le sol sans faire intervenir de considération technique ou économique.

[Original, pg. 21]

*La règle des 20% - 80% s'applique aux trois types d'énergie : 80% des **réserves prouvées** sont localisées dans 20% des pays producteurs.*

[Original, pg. 21]

Em português, o termo usado é a tradução literal, ou seja, *reservas provadas* que se encontra em vários sítios da internet que se referem ao petróleo:

*Como se pode ver na figura, 4,82% das **reservas provadas** restantes estão nas mãos de 10 países (ou seja 21% dos produtores⁽¹³⁾)*

[Tradução, pg. 15]

² Glossário do Institut National de la Statistique et des Études Économiques: www.insee.fr

*Figura 1: Repartição entre os principais países produtores de **reservas provadas** ⁽¹⁷⁾ de hidrocarbonetos em 2004.*

*⁽¹⁷⁾ As **reservas provadas** designam os volumes de petróleo a extrair com as técnicas actuais e nas condições económicas actuais com uma probabilidade superior a 90% [10]. Esta noção distingue-se dos recursos, dados geológicos que medem a quantidade de petróleo presente no solo sem fazer intervir considerações técnicas ou económicas.*

[Tradução, pg. 17]

*Regra dos 20% - 80% aplica-se aos três tipos de energia: 80% das **reservas provadas** são localizadas em 20% dos países produtores.*

[Tradução, pg. 18]

Como se pode ver, não basta apenas traduzir um termo específico só por um equivalente literal. De facto, é sempre preciso verificar se o termo na língua de chegada tem a mesma acepção que o seu equivalente na língua de partida.

B- Siglas e Acrónimos

Para além dos termos específicos, o tradutor para ser fiel ao seu público-alvo tem o dever de traduzir as siglas que surgem no texto de partida. Nem sempre existem traduções, mas o tradutor tem sempre de recorrer a uma pesquisa mais aprofundada, que geralmente não passa pelo uso de dicionários, mas sim de bases de dados terminológicas multilingues, como o IATE, ou ainda a motores de busca, nomeadamente o Google, ou ainda a sítios que apresentem textos em duas línguas, como é o caso do Eur-Lex. A sigla que mais se encontra ao longo do texto de partida é *R&D*, ou seja, *Recherche et Développement* (Investigação e Desenvolvimento). No

texto de partida, o autor refere-se directamente à sigla sem nunca escrevê-la por extenso, como se pode ver no seguinte exemplo que ocorre na introdução do livro:

*Son rôle est primordial pour dynamiser la **R&D**, pour définir l'environnement politique et réglementaire propice aux investissements et pour stimuler la compétitivité des entreprises.*

[Original, pg. 11]

*O seu papel é primordial para dinamizar a **I&D**, para definir o ambiente político e regulamentar propício aos investimentos e para estimular a competitividade das empresas.*

[Tradução, pg. 8]

*D'importants investissements de **R&D** sont donc nécessaires pour imaginer de nouvelles solutions lorsque les hydrocarbures sont particulièrement difficiles à substituer, comme pour le transport automobile.*

[Original, pg. 51]

*São portanto necessários investimentos importantes de **I&D** para imaginar novas soluções quando os hidrocarbonetos são particularmente difíceis de substituir, como para o transporte automóvel.*

[Tradução, pg. 43]

*La **R&D** est indispensable sur tous les segments de la chaîne énergétique de l'extraction à la distribution en passant par la production, tant pour développer de nouvelles solutions que pour améliorer les technologies existantes.*

[Original, pg. 75]

*A **I&D** é indispensável em todos os segmentos da cadeia energética desde a extracção à distribuição passando pela produção, tanto para desenvolver novas soluções como para melhorar as tecnologias existentes.* [Tradução, pg. 62]

Tendo em conta que se considera que o público-alvo é um leitor informado e familiarizado com este tipo de linguagem, considera-se neste caso que o leitor do texto-alvo encontra as mesmas dificuldades que o leitor do texto-fonte ao deparar-se com a sigla I&D sem ser por extenso. Contrariamente à tendência de explicitação que o tradutor tem, neste caso presume-se que não será necessário explicitar.

As siglas do texto podem separar-se em dois grupos, as que já são de conhecimento geral e as outras que carecem de mais pesquisa. As siglas mais conhecidas, por serem referidas nos jornais ou no dia-a-dia do cidadão europeu comum são as primeiras a serem abordadas. Para começar, ao referir-se aos acordos no âmbito do mercado petrolífero, o autor faz alusão à *OPEP*, Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Em francês a sigla é exactamente igual, ou seja, OPEP : Organisation des Pays exportateurs de Pétrole:

Cette diminution du nombre des producteurs majeurs accentue les ententes (OPEP), augmente les pouvoirs de marché des acteurs, et modifie donc le fonctionnement des marchés des hydrocarbures.

[Original, pg. 19]

Esta diminuição do número de produtores maiores acentua as práticas concertadas (OPEP), aumenta os poderes do mercado dos actores e modifica, assim, o funcionamento dos mercados de hidrocarbonetos.

[Tradução, pg. 15]

Outra sigla que faz parte do conhecimento geral do cidadão comum europeu é *PIB*, que em francês significa *Produit Intérieur Brut*, ou seja, *Produto Interno Bruto*. Mais uma vez, as siglas são idênticas:

La part de PIB consacrée à l'énergie ne constitue pas un critère si déterminant.

[Original, pg. 34]

*A parte do **PIB** consagrada à energia não constitui um critério tão determinante.*

[Tradução, pg. 29]

Ainda a respeito de siglas conhecidas, ocorre várias vezes *OCDE*. Tanto em francês como em português a sigla é a mesma, sendo a sigla francesa remete para *Organisation de Coopération et de Développement Économiques* e em português para *Organização para a Cooperação e Desenvolvimentos Económicos*:

⁽⁴⁶⁾ *Cette remarque s'étend à la plupart des pays de l'OCDE.*

[Original, pg. 54]

⁽⁴⁵⁾ *Esta observação abrange a maior parte dos países da OCDE.*

[Tradução, pg. 45]

Por fim, o autor do texto de partida refere-se a uma sigla conhecida pelo cidadão comum europeu, trata-se do *BEI*, *Banco Europeu de Investimento*, no entanto, aparece apenas entre parênteses após ter sido escrito por extenso, para indicar que a partir dessa altura passaria a referir-se à instituição através da sigla. Porém, o termo não volta a ser usado. Em francês, mais uma vez, as siglas não diferem:

La possibilité d'octroyer des prêts Euratom, garantis par la Communauté auprès de la Banque Européenne d'Investissement (BEI) a été adoptée par décision du Conseil pour encourager les investissements puis élargie (de fait presque exclusivement utilisée) pour l'amélioration de la sûreté des centrales d'Europe centrale et orientale.

[Original, pg. 83]

A possibilidade de conceder empréstimos Euratom, garantidos pela Comunidade, junto do Banco Europeu de Investimento (BEI) foi adoptada por decisão do Conselho para encorajar os investimentos e posteriormente alargada

(efectivamente quase exclusivamente utilizada) para garantir e assegurar as centrais da Europa central e de leste.

[Tradução, pg. 69]

No que diz respeito a siglas ligadas a áreas mais específicas, o autor recorreu a notas de rodapé na maior parte delas, nomeadamente nos seguintes exemplos:

Cette contrainte, qui fragmente pour l'heure les marchés mondiaux et renforce la dépendance européenne vis-à-vis du gaz russe, devrait progressivement s'estomper avec le développement du GNL⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁸⁾ *GNL (Gaz Naturel Liquéfié) technologie qui permet le transport du gaz par voie maritime dans des méthaniers.*

[Original, pg. 22]

Neste caso, à semelhança do caso anterior, a sigla nas duas línguas é idêntica. Com efeito, encontram-se em sítios da internet sobre o ambiente assim como no *IATE* a tradução portuguesa, *GNL, Gás Natural Liquefeito*:

Esta restrição, que fragmenta por enquanto os mercados mundiais e reforçava a dependência europeia em relação ao gás russo, deverá progressivamente esbater-se com o desenvolvimento do GNL⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁸⁾ *GNL (Gás Natural Liquefeito) tecnologia que permite o transporte de gás por via marítima nos metaneiros.*

[Tradução, pg. 19]

Ainda a recorrer à nota de rodapé para explicar uma sigla, o autor explica *WETO*, uma fonte à qual faz alusão para muitas das figuras que emprega, em nota de rodapé, como se pode constatar no seguinte exemplo:

Comme le montrent les différents scénarios (Figure 8), cette tendance tend à se renforcer et la part de l'électricité dans la consommation d'énergie doublerait en 2050 par rapport à 2001 selon le scénario "business as usual" du WETO⁽²⁷⁾.

⁽²⁷⁾ *World Energy, Technology and Climate Policy Outlook – Commission européenne.*

[Original, pg. 28]

Na tradução, como se trata de um livro publicado pela Comissão Europeia cujos autores são a própria Comissão através dos seus investigadores, juntamente com a ENERDATA (World Energy Statistics and Information), o IEPE (Institute of Energy Policy and Economics), o BFP (Belgian Federal Planning Bureau) e o IPTS (Institute for Prospective Technological Studies), seguiu-se o modelo francês proposto pelo autor, ou seja, usar a nota de rodapé a especificar o que significam as iniciais que compõem a sigla:

Como é demonstrado em diferentes cenários (Figura 8), esta tendência tende a reforçar-se e a parte da electricidade no consumo de energia deverá dobrar em 2050 em relação a 2001, segundo o cenário "business as usual" de WETO⁽²⁷⁾

⁽²⁷⁾ *World Energy Technology and Climate Policy Outlook – Comissão Europeia.*

[Tradução, pg. 24]

O mesmo acontece com a sigla *EPR* que vem do inglês *European Pressurized Reactor*, como se pode ver no segmento seguinte, a explicação é dada em nota de rodapé:

Si certains pays, comme l'Autriche, refusent l'utilisation du nucléaire et d'autres, comme l'Allemagne, en ont planifié son arrêt progressif, la Finlande

*construit le premier réacteur **EPR**⁽²⁸⁾, la Lettonie, l'Estonie et la Lituanie examinent la possibilité d'une construction de centrale en commun.*

⁽²⁸⁾ *Réacteur pressurisé européen (de l'anglais European Pressurized Reactor).*

[Original. Pg. 35]

Em português, a tradução da sigla por extenso é *Reactor Pressurizado Europeu*. Tendo em conta que o autor do texto de partida usou a sigla inglesa com uma explicação em nota de rodapé, o tradutor sentiu-se na obrigação de recorrer ao mesmo método, ou seja, usar a sigla inglesa e traduzi-la em nota de rodapé, de modo a que o leitor perceba do que se trata, indicando também que a sigla usada é a inglesa:

*Se alguns países, como a Áustria, recusam a utilização da energia nuclear e outros, como a Alemanha, planificaram a sua paragem progressiva, a Finlândia construiu o primeiro reactor **EPR**⁽²⁸⁾*

⁽²⁸⁾ *Reactor pressurizado europeu (do inglês European Pressurized Reactor).*

[Tradução, pg. 30]

Para além das notas de rodapé, o autor recorreu também ao uso de parênteses após a sigla de modo a explicar por extenso o que esta significa. É o caso dos próximos dois exemplos:

*Les 15 États membres de l'époque se sont, en effet, engagés à atteindre un objectif collectif et ont défini les modalités d'une coordination transnationale dans le cadre du système d'échange de quotas de d'émissions **ETS** (European Trading System).*

[Original, pg. 27]

Os 15 Estados-Membros da altura comprometeram-se, de facto, a atingir um objectivo colectivo e definiram as modalidades de uma coordenação

transnacional no âmbito do sistema de trocas de quotas de emissões ETS (European Trading System).

[Tradução, pg. 23]

Com efeito, ao referir-se às trocas de quotas de emissões, o autor conferiu-lhes uma designação. Trata-se de facto das *ETS*, que como foi referido é *European Trading System*, ou seja, *sistema de troca europeu*:

O mesmo acontece com o exemplo que se segue, apenas com a diferença de que nele o autor aponta uma referência bibliográfica, pelo que na tradução deverá ser exactamente igual, a menos que exista uma tradução desta para português. Tendo em conta que não existe, a referência bibliográfica permanecerá em inglês, pelo que o tradutor não teve de se preocupar com a tradução da sigla. Neste caso, a pesquisa foi direccionada para se saber se existe ou não uma tradução do livro referido:

⁽⁷⁸⁾ *European Environment Agency (EEA), A Technical Report, Energy subsidies in the European Union: A brief overview, 1/2004.*

[Original, pg. 78]

⁽⁷⁷⁾ *European Environment Agency (EEA). A Technical Report, Energy subsidies in the European Union: A brief overview, 1/2004.*

[Tradução, pg. 65]

Ao contrário dos exemplos anteriores, constata-se que o autor recorreu à sigla entre parênteses a seguir ao nome por extenso de dada instituição ou organização. Como se pode ver no próximo exemplo, o autor especifica após o nome por extenso qual a sigla que se reconhece para tal conceito:

⁽⁷⁴⁾ *Le 7^{ème} Programme cadre de Recherche et Développement (PCRD) consacre 2350 millions € pour l'énergie et 1890 millions € pour l'environnement, soit*

respectivement 4,7% et 3,7% de l'enveloppe totale qui s'élève à 50 521 millions € sur la période 2007-2013.

[Original, pg. 77]

Neste caso, como a tradução não é literal e as iniciais diferem das da língua de partida, o tradutor teve de recorrer a meios de pesquisa como o IATE, a base de dados terminológica multilingue, onde o termo *Programa-quadro de Investigação e Desenvolvimento* ocorria seguido da respectiva sigla, *PQID*. De modo a verificar a fiabilidade do termo encontrado, o tradutor deve, por exemplo, recorrer a motores de busca, como o Google, e conferir que o termo existe e se emprega na acepção desejada. Sendo esse o caso, optou-se por traduzir-se dessa maneira:

(73) O 7º Programa-quadro de Investigação e Desenvolvimento (PQID) consagra 2350 milhões € para a energia e 1890 milhões € para ambiente, ou seja respectivamente 4,7% e 3,7% da verba total (50521 milhões €) para o período 2007-2013.

[Tradução, pg. 64]

Por fim, o tradutor é confrontado com certas siglas menos conhecidas e relativamente às quais o autor não dá nenhuma explicação. É o caso de *UCTE* que significa *Union pour la Coordination du Transport d'Électricité*, “a anterior *UCPTE*, fundada em 1951, modificou os seus estatutos e o próprio nome (que deixou de incluir o P de Produção) com efeitos a partir de 1 de Julho de 1999, por forma a reflectir a separação entre a produção, o transporte e a distribuição de energia num mercado liberalizado”. [www.IATE.europa.eu]

Esta organização tem como objectivo desenvolver a coordenação técnica entre os operadores de transporte de electricidade, sobretudo no que diz respeito ao favorecimento de uma exploração segura das redes europeias interconectadas. Cerca de

450 milhões de pessoas são fornecidas em electricidade pelas redes membros da UCTE, o consumo anual é de cerca de 2300TWh³. Trata-se de uma sigla que tem equivalente em português:

(53) Le renforcement des infrastructures d'interconnexion transnationales de l'UCTE peut permettre de réduire jusqu'à 10% la consommation d'énergie fossile (16 milliards d'euros par an) et de diminuer ainsi les émissions de CO2 de 100 Mt par an. Source : CESI, CIGRE session 2006.

[Original, pg. 58]

(52) O reforço das infra-estruturas de interconexão transnacionais da UCTE pode permitir a redução até 10% do consumo de energia fóssil (16 milhares de euros por ano) e assim diminuir as emissões de CO₂ em 100Mt por ano. Fonte: CESI, CIGRE sessão 2006.

[Tradução, pg. 50]

Não se percebe o facto de o autor neste próximo exemplo recorrer à sigla que antecede a anterior, ou seja a UCTE. Como já foi referido, a UCTE provem da UCTPE, que significa União para a Coordenação do Transporte e Produção Eléctrica. Porém, sabendo o que a sigla significa e que é equivalente em ambas as línguas, não causa nenhum obstáculo ao tradutor:

(54) A l'heure actuelle, des réseaux régionaux couvrent la totalité des Etats membres. La Pologne, la République tchèque, la Hongrie et la Roumanie sont, par exemple, interconnectées avec les autres pays d'Europe dans l'UCTPE incluant la Slovénie et sont par ailleurs connectés entre eux au sein de Centrel, une union électrique propre s'étendant aux pays Baltes.

[Original, pg. 59]

³ Cf. Wikipédia.

⁽⁵³⁾ *Actualmente, existem redes regionais que cobrem a totalidade dos Estados-Membros. A Polónia, a República Checa, a Hungria e a Roménia são, por exemplo, interconectadas com outros países da Europa na UCTPE incluindo a Eslovénia e são por outro lado conectadas entre elas através do Centrel, uma união eléctrica própria que se estende aos países Bálticos.*

[Tradução, pg. 51]

Outra sigla que pode causar um obstáculo mais relevante tanto para o tradutor, como para o leitor da língua-fonte, é *ITER*:

La recherche fondamentale doit permettre, à plus long terme, de véritables ruptures technologiques tant dans le domaine du nucléaire, pour les réacteurs de génération IV ou dans la fusion nucléaire avec le projet ITER, que dans celui de l'électricité solaire ou encore des piles à combustible.

[Original, pg. 75]

⁽⁷³⁾ *La collaboration sur le projet ITER de recherche sur la fusion nucléaire dépasse le cadre européen avec notamment une implication japonaise et américaine.*

[Original, pg. 76]

Recorrendo à base de dados terminológica multilingue IATE, percebe-se que se trata de um Reactor Termonuclear Experimental Internacional, ou seja, um reactor de fusão nuclear, “concebido para demonstrar a viabilidade científica e tecnológica da energia da fusão para fins pacíficos” [www.IATE.europa.eu]. Entende-se que, por convenção, a sigla usada é a inglesa *International Thermonuclear Experimental Reactor* (ITER). Trata-se, na realidade, de um protótipo destinado a verificar, como já se referiu, a viabilidade científica e técnica da fusão nuclear enquanto nova fonte de energia. Tendo em conta que a sigla inglesa é usada no texto de partida e noutros textos redigidos em

português, optou-se por traduzir ao manter esta sigla, ITER, partindo mais uma vez do princípio que o público-alvo é um leitor informado que terá a mesma dificuldade que o leitor da língua-fonte ao deparar-se com a sigla, caso não a conheça:

*A investigação fundamental deve permitir, a mais longo prazo, verdadeiras rupturas tecnológicas tanto no domínio da energia nuclear, para os reactores de geração IV ou na fusão nuclear com o projecto **ITER**, como no da electricidade solar ou ainda das pilhas a combustível.*

[Tradução, pg. 63]

⁽⁷²⁾ *A colaboração no projecto **ITER** de investigação sobre a fusão nuclear ultrapassa o âmbito europeu nomeadamente com uma participação japonesa e americana.*

[Tradução, pg. 64]

Assim, pode ver-se que a tarefa de tradução passa por uma estratégia de pesquisa, como Andrew Chesterman já havia referido, ou seja, o tradutor deve recorrer a mais do que simplesmente um dicionário bilingue, sobretudo no que diz respeito a textos técnicos, por se tratar de uma linguagem mais específica de determinada área, que o tradutor nem sempre domina. Existem termos específicos e siglas que pertencem a uma gíria profissional que requer uma pesquisa por parte do tradutor. Este tem o dever de procurar para saber se existe algum equivalente “oficial” na língua de chegada, ou se existe o hábito de recorrer a um empréstimo da língua de partida ou ainda de uma língua terceira, tal como acontece com as siglas. Como se viu, certas siglas permanecem iguais às do texto de origem pelo facto das iniciais serem idênticas em ambas as línguas, outras vezes, as siglas são conhecidas pelo seu termo inglês. No entanto, em cada um destes casos, o tradutor tem para com o público-alvo o dever de verificar a sua existência e o seu uso na língua de chegada, de modo a apagar qualquer sinal de que se

trata de uma tradução. Quanto a certos termos específicos, é importante ter a certeza de como se escrevem, porque não se tratando de um especialista na área, o tradutor pode enganar-se, porém isso seria menos bem aceite pelo seu público-alvo, deixando, segundo a metáfora de Chesterman, uma sujidade no vidro que impediria o leitor de olhar correctamente para a paisagem.

CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, tentou-se estabelecer um limite de fidelidade, uma fronteira onde o tradutor se encontra e deve tentar, a todo o custo, manter-se com um pé de cada lado e servir de ponte de transporte de uma cultura para a outra, de uma língua para a outra. Com efeito, de um dos lados da fronteira encontra-se o texto de partida com o seu autor e a respectiva cultura e do outro lado o público-alvo com a sua própria cultura. O tradutor tem o dever de respeitar estas duas entidades, como já foi referido anteriormente, não pode fugir ao sentido e às intenções do autor do texto de origem, isso porque desde o início o tradutor se propôs a traduzir em aceitabilidade, no entanto, deve sobretudo escrever de modo a que o público não se aperceba que de uma tradução se trata. Retomando a metáfora da janela de Chesterman, tentou-se através de várias estratégias tornar o tradutor num vidro transparente, recorrendo nomeadamente a estratégias pragmáticas e estratégias sintácticas. Efectivamente, através dos exemplos práticos da tradução do texto de Antoine Pellion, viu-se que para manter a fluidez do texto de chegada, o tradutor recorre a estratégias de normalização, de explicitação, de expansão assim como ao uso de sinónimos menos óbvios que os equivalentes directos para evitar os efeitos secundários da tradução literal, como por exemplo a estranheza para o leitor do texto-alvo. Por fim, o tradutor tem um trabalho importante de pesquisa para se certificar que não induz o seu leitor em erro. Isto pressupõe que o tradutor tem o dever de ir mais além e estudar a temática em questão, aprofundando a especificidade técnica, e enriquecendo assim o texto de chegada, quando necessário.

Como se pôde ver, por vezes, com o objectivo de ser fiel ao seu público-alvo, o tradutor teve de corrigir o autor do texto de partida ou tomar decisões que apenas se apoiam na interpretação do próprio tradutor. Essas escolhas têm de ser ponderadas e não podem ser

tomadas de ânimo leve, pois a liberdade do tradutor enquanto autor de um texto acaba quando a sua obrigação de fidelidade começa, ou seja, o tradutor não deve exceder a sua missão de tornar um texto acessível a pessoas que não dominam a língua de partida. De facto, se o tradutor ultrapassa o limite da fidelidade reescreve em vez de traduzir. Um exemplo muito conhecido é o da famosa escritora sul-americana Isabel Allende que começou a sua carreira enquanto tradutora e acabou por ser despedida precisamente por reescrever as histórias que traduzia, nomeadamente acrescentando-lhes descrições de modo a tornar o texto mais rico, chegando a mudar o final quando considerava que a história ganharia mais interesse. Neste caso, pode-se dizer que Isabel Allende traduzia em adaptação, o que é o contrário do que se pretendia com a tradução de *Renouveler la Production d'Énergie en Europe: un Défi Environnemental, Industriel et Politique*.

BIBLIOGRAFIA

BAKER, Mona, 1997: “Norms”. In: Baker, Mona (ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*, 163-165. London/New York: Routledge.

BARRENTO, João, 2002: *O Poço de Babel: Para uma poética da tradução literária*, Relógio d’Água Editores.

BERGSTRÖM, Magnus e Neves Reis, 2000: *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*, Editorial Notícias.

CATFORD, John Cunnison, 1965: *A Linguistic Theory of Translation*, London: Oxford University Press.

CHESTERMAN, Andrew & WAGNER, Emma, 2002: *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*. Manchester, UK/Northampton, MA: St. Jerome Pub.

ECO, Umberto, 2005: *Dizer Quase a Mesma Coisa – Sobre a Tradução*, Difel, Col. Documento e Ensaio.

FROTA, Maria Paula, 2000: *A Singularidade na Escrita Tradutora*. Campinas: Pontes.

FROTA, Maria Paula, 2006: *Erros e Lapsos de Tradução: um tema para o ensino*. Cadernos de Tradução V.XVII, 141-156.

HOLMES, James S., 1970: *The Nature of Translation: Essays on the Theory and Practice of Literary Translations*. Paris: Mouton.

KENNY, Dorothy, 1998: “Equivalence”. In: Baker, Mona (ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*, 77-80. London/New York: Routledge.

KLAUDY, Kinga, 1998: “Explicitation”. In: Baker, Mona (ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*, 80-84 London/New York: Routledge.

LADMIRAL, Jean-René, 1979: *Théorèmes pour la Traduction*. Editions Payot, Paris.

- LAROSE, Robert, 1998: “Méthodologie de l’Évaluation des Traductions”, *Meta*, XLIII, n°2, 163-186.
- LAVIOSA-BRAITHWAITE, Sara, 1997: “Universals of Translation”. In: Baker, Mona (ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*, 288-291. London/New York: Routledge.
- LEFEVRE, André, 1992: *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, London/New York: Routledge.
- LEFEVRE, André, 1992: *Translation History Culture – A Sourcebook*, USA/Canadá: Routledge.
- LEVÝ, Jirí, 1963: *Umeni prekladu (A Arte da Tradução)*. Praga: Panorama.
- NEWMARK, Peter, 1981: *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon.
- NORD, Christiane 1991a: “Theoretical Principles”. In: Nord, Christiane: *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Applications of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*, 4-22. Amsterdam/Atlanta: Rodopi.
- NORD, Christiane 1991b: “The Factors of Source-Text Analysis”. In: Nord, Christiane: *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Applications of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*, 35-129. Amsterdam/Atlanta: Rodopi.
- ROSETTI, Dante Gabriel, 1968: “Prefácio às suas Traduções dos Primeiros Poetas Italianos”, *Poems and Translations 1850-1870*. London: Oxford University Press.
- SAUSSURE, Ferdinand, 1913 : *Cours de Linguistique Générale*. Lausanne : Payot.
- TOURY, Gideon, 1995: “The Nature and Role of Norms in Translation”, *Descriptive Translation Studies and Beyond*, 53-69. Amsterdam-Philadelphia: Benjamins.
- TOURY, Gideon, 1986: “Translation: A Cultural-Semiotic Perspective”. In: Sebeok, Thomas A. et al. (ed.): *Encyclopedic Dictionary of Semiotics*, 1111-1124. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter.

VENUTI, Lawrence, 1995: *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge.

VENUTI, Lawrence, 2000: "The Translation Studies Reader". In Baker, Mona (ed.) *Translation Studies*. London/New York: Routledge.

Na Internet:

www.iate.europa.eu

www.eur-lex.europa.eu

www.insee.fr

www.wikipédia.com